

O vermelho do céu  
Jayson Viana Aguiar

coleção sílica

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

[jaysonaguiar@hotmail.com](mailto:jaysonaguiar@hotmail.com)

## **Editora Corsário**

Caixa Postal 6026 - Fortaleza – Ceará

CEP 60440-546

[www.corsario.art.br](http://www.corsario.art.br) | [revistacorsario@gmail.com](mailto:revistacorsario@gmail.com)

## **Ficha Técnica**

**Editor Responsável** | Mardônio França

**Co-Editora** | Katiusha de Moraes

**Projeto Gráfico** | Dirceu Matos

**Revisão** | Katiusha de Moraes

**Capa** | Mardônio França

**Impressão** | Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Catálogo na Fonte

AGUARDANDO BIBLIOTECA NACIONAL

Para Renata, Levi e Letícia,  
que me alimentam de vida.



“A História não é palco da felicidade; ela, os períodos de felicidade são páginas em branco.”

Hegel



## **PREFÁCIO**









# O vermelho do céu

Jayson Viana Aguiar

coleção sílica



Helena entra no quarto e encosta a porta.

Não pode trancá-la porque, apesar da fechadura, ali não há chave. Nunca deixou de achar ruim o fato de sequer ter o direito de se trancar em seu próprio quarto, ou no banheiro, cuja porta também não tem chave, ou onde quer que fosse dentro daquele sobrado; todavia, parara de contestar a falta deste direito, do direito que julga ter, cansara-se disto.

Existiu uma época em que ela brigou muito por transformações dentro da casa da avó. E chaves eram o mínimo; entretanto, todas as contendas eram vãs: sempre escutara que *papagaio velho não aprende a falar* e assim, ali dentro, jamais conseguira mudar um ao menos, fosse um comportamento, um costume, uma receita; fosse um simples bibelô de um lugar ao outro.

Para a inexistência de chaves no sobrado, excetuando-se aquela na porta da rua, explicavam-na que nada havia para ser feito a esconso na casa dos Vasconcelos. Mas Helena aprendeu a contornar tais faltas de privacidade. Sempre havia os momentos em que sua avó saía para fazer compras ou para consultas médicas, e havia o sótão apinhado de baús e velharias cobertos de pó que afugentavam a idosa alérgica. Sobretudo, esta sua tutora sempre gostou de dormir cedo um sono profundo. Eram comenos para si, para suas coisas, para as descobertas de uma menina em metamorfose de mulher, para as lembranças proibidas, para tentar entender a história de sua breve história.

Helena vem do banho. Está enrolada em uma toalha desbotada e rota que não mais consegue enxugar seu corpo. No assoalho de tábua corrida e bicolor, ficam as marcas d'água de suas pegadas. Ainda que a toalha não lhe enxugue bem mesmo, não é costume seu secar o corpo.

Prefere que o tempo faça isto. Para em frente ao enorme e antigo espelho do quarto. Ele é daqueles que formam um móvel por si só, colocado em uma moldura de madeira escura e que é preso por um eixo a um suporte que o apruma no chão. O eixo permite que o espelho dê voltas em torno de si, como um circense em seu trapézio.

Helena mira-se no cristal. A imagem dela não lhe chega perfeita, é uma imagem comprometida pelos laivos do tempo deixados no vidro delicado e lapidado do espelho. As manchas de oxidação roubam um tanto de seu reflexo. Uma pequena rachadura mostra que nem sempre fora bem tratado. Heloísa, a avó de Helena, até já cogitara a ideia de mandar substituir o antigo espelho por um novo; contudo, amparada pelo sólido costume daquela casa de nada se mudar, a neta conseguiu dissuadi-la do intento.

*Trocar este velho espelho? Nem pensar. Logo ele que me viu de chupeta na boca, que me consolou nos choros das saudades de meu pai e de minha mãe, que notou meus seios crescerem dia-a-dia, que serviu de apoio para que eu treinasse para meu primeiro beijo na boca, que tem uma rachadura porque nele descontei algumas raivas minhas de adolescente, que brincou comigo duplicando o número de crianças daquele quarto. Nem pensar em trocá-lo.*

Acostumara-se Helena com a simplicidade de sua camarinha. Além do espelho, há ali uma cama, um guarda-roupa, um cabideiro e uma cômoda, tudo em jacarandá resistente e cuja firmeza condiz com as tradições do sobrado: pesados o suficiente para intimidar quem quer que deseje mudar a posição dos móveis.

Que não deixem mentir os eventuais pintores de paredes que, vez por outra, aparecem para caiar os rebocos com a brancura da cal viva, apagando as nódoas de mofo deixadas pela umidade dos meses chuvosos. O mobiliário, apesar de rude e pesado, se apequena frente ao cômodo de pé direito alto.

A altura das paredes só não se vai mais por causa do forro de gesso furado aqui e ali pela água da chuva que vazava em goteiras pelas chagas do telhado. Quarto de sobrado antigo. Também não há banheiro como há nos quartos de apartamentos modernos onde moram as primas. Em compensação, os quartos das primas não possuem uma janela que dá para um quintal repleto de fruteiras e roseiras, por onde vem certo o canto das sabiás; janelas abertas dia e noite, cerradas apenas para conter os torós do inverno e os barrufos do verão.

As primas, na época em que elas e Helena ainda eram pequenas, até que gostavam de passar uns dias na casa da avó por ocasião das férias escolares. Achavam maravilhoso aquele quintal. Quem não gostava daqueles dias era Helena, principalmente por causa do escárnio e troças que lhe faziam a respeito da sorte de sua mãe, transformando em hereditário o labéu de sua genitora. *Que inferno!* Nunca tinha com quem brincar e, quando aparecia alguém de sua idade, era essa quizila. Assim, a chegada das parentas nos recessos escolares, junto à aversão que lhes tinha, serviu para uma coisa: Helena abandonava seu território de frutas e flores ao sabor das primas e se encastelava na biblioteca, bastião de tomos que afugentava àquelas que eram avessas à leitura. Bando espúrio. E não foi difícil descobrir a amizade dos livros, e a árdega vontade de que as primas voltassem logo para seus lares virou indiferença.

Ali, naquele fechado mundéu de prateleiras, abriu-se um inimaginável mundo de fantasias, curiosidades e descobertas. Ela foi muito além dos, em princípio, forçados retiros na biblioteca; demorou um pouco, mas quando se deu conta, já havia consumido um bom tanto das lombadas que pertencera ao avô que não conhecera, além de começar a usar toda sua mesada no incremento de novos volumes à biblioteca.

Chegou à condição de valorizar as coisas, em termos monetários, conforme o preço de livros. *Quantas vezes eu não deixei de comprar um vestido porque, com o que por ele me era cobrado, eu poderia comprar um, dois, três ou dez livros? E olhe que não desprezei minha adolescência. Sabia e ainda sei me trajar combinando peças básicas que gosto de adquirir; além do mais, visto-me, recatadamente, não para mostrar roupas, mas para insinuar o que tem por baixo.* E o amor por livros encrudesceu-se não à toa: quando tinha onze anos, experimentou uma mera e platônica paixão pelo professor de literatura da escola.

Optou ter os livros como amigos e companheiros. Certo que foi impelida pela rixa com as primas, mas não só por isto. Perderam a graça as brincadeiras com boneca na companhia do reflexo do espelho, o interesse se foi com a descoberta da solidão.

O morar em um sobrado de uma avenida movimentada do Recife Antigo era uma agonia, principalmente para uma criança, depois, mocinha. A avenida sossegada de outrora, do tempo de seu avô, repleta de cadeiras nas calçadas nos fins de tarde, foi, aos poucos, substituindo seus moradores pelo comércio, trocando os paralelepípedos pelo asfalto. Quarteirão sim e outro não, alguns residentes continuavam em suas casas, resistiam ao trânsito e às buzinas, à poluição, aos assaltantes, ao movimento do comércio.

Não existiam mais os vizinhos, muito menos, os filhos dos vizinhos. Havia apenas solidão.

Major Antônio, seu pai, anda destacado em alguma unidade do exército da capital baiana. Vinícius, que é seu primo mais chegado, um ano e meio mais novo, não é bem vindo no sobrado dos Vasconcelos; Eventualmente vê o primo e amigo quando marcam um encontro, geralmente em Boa Viagem, para uma água-de-coco. O paradeiro de Luísa Arruda, a mãe, é, para Helena, uma incógnita.



Dos dezenove anos que tem, os últimos treze passou sem ver Luísa. Ali nunca se fala nela como se a simples menção de seu nome atraísse agouro. Fotos dela não existem em porta-retrato algum da casa. Nada de cartas ou notícias dela chegam às suas mãos. Nenhuma joia fora-lhe deixada de lembrança. Deixado mesmo apenas o vazio da ausência de uma pessoa tão importante. O pouco que lhe dizem sobre Luísa é um cipoal de más qualidades e impropérios, suficientes para perceber que ela não fora muito querida entre os parentes agregados. *Ah, minha avó, és a única que me restou!*

Desenrola a toalha do corpo. Olha-se nua. *Espelho, espelho meu!* Passa a toalha pelos cabelos tentando tirar-lhes o excesso de água. O preto das asas da graúna ainda perde para o preto de seus cabelos lisos, aparados entre a nuca e os ombros.

Olha-se nua. Acha seu rosto seu ponto forte: bonito, capaz de arrebatrar a atenção dos homens e de suscitar a inveja das primas e das poucas colegas. Rosto perfeito, mas que perderia muito se não fossem seus olhos verdes, aquosos, límpidos, cristalinos, luminosos. O nariz é delicado e levemente arrebicado. Olha-se nua. A pele muito branca não traz nenhuma marca de biquíni. Talvez quase isto, mas corpo não chega a ser magro, tem recheio nos lugares certos; e a cintura fina dota-a de sensualidade, realça o quadril que é a medida certa da insinuação lasciva, e que forma um belo conjunto com as pernas perfeitamente torneadas. Poucas sardas não passam de ferrugem causada pelo sol em seu colo, ombros, costas, rosto. Braços finos são terminados pela flor das mãos. Cada um dos seios pequenos não dá para encher a mão de um homem, e tem a rigidez de sua plena juventude. Os pés pequenos quase são desproporcionais à sua altura mediana.

Olha-se nua. *Espelho, espelho meu!* Sente o rosto molhado, mas não pela água do banho. Olha-se nua.

Alguma coisa mudará; se não no corpo, na alma.

2

*Espelho, espelho meu !*

O corpo ainda está um pouco molhado do banho, mesmo assim Helena veste uma camisa, muito grande e frouxa. Deita-se na cama para dormir, precisa descansar visto que amanhã terá um dia cheio na faculdade, com muitas aulas e estudo. Passa a língua nos lábios para umedecê-los e sente o sal das lágrimas que insistem em minar do verde de seus olhos, verde do oceano que tem nos olhos. Talvez aquilo não fosse choro, mas a ressaca de um mar atormentado pelo forte vento da indecisão, dor, medo, culpa.

Um avião passa por sobre o sobrado dos Vasconcelos em busca do Aeroporto dos Guararapes. O barulho da turbina a arremessa para um filme projetado em sua mente, tendo como roteiro o diário do pai. Revive o que aconteceu, preenchendo as brumas dos fatos não descritos com a imaginação.

\* \* \*

Um Hércules da Força Aérea Brasileira começa a fazer o procedimento de aterrissagem na base de Fortaleza. O tenente Antônio, preso a seu assento pelo cinto de segurança, olha toda a extensão da aeronave: um vão apenas, mistura de carga e passageiros; lotado de carga, lotado de passageiros.

Todas as cadeiras, que não podem ser chamadas de poltronas, são ocupadas por oficiais das três forças. Em cima da carga vão os praças que não quiseram perder a viagem do Correio Aéreo Nacional, que sempre foi gratuita. Voava quem quisesse, até civil, desde que houvesse vaga. Nem que fosse junto ao carregamento transportado.

Antônio consegue perceber a tensão no rosto de alguns dos militares. Será apreensão normal pelo medo que alguns têm de voar? Será por não confiar naquela aeronave antiga? Será por que está chegando o crítico momento da aterrissagem de um avião com excesso de peso?

Há muita trepidação, e não é à toa o temor que o Hércules se desmanche no ar ou quando tocar o chão. Antônio, ao contrário da apreensão reinante, diverte-se vendo as reações de pavor, suores de nervosismo e sinais-da-cruz sendo feitos. Ele mesmo não tem medo do que poderia acontecer. É seu jeito, talvez reflexo de uma vida inconsequente e desprezível. Não tem medo da morte, contudo, chegaria a lamentar uma invalidez causada por algum acidente; assim, deste modo, tem medo de perder a vida. É muito novo e quer aproveitar a juventude.

A folia havia começado por ocasião de seu ingresso na academia militar em Resende. Longe dos pais, experimentara uma independência até então desconhecida por ele. Lógico que só podia fruir de sua liberdade nos finais de semana, quando saía do semi-internato da academia, quando se enfiava na casa dos amigos ou na devassidão dos alcouces, quando se perdia em bebedeiras ou em alucinadas viagens feitas de fumaça e de pó, quando se aventurava em tirar a virtude de moças de família.

A vida forra que levava só era possível longe do Recife, da severidade do pai a quem todos tratavam por coronel. Se bem que a patente não era militar, mas derivada da pujança de suas fazendas e gado no agreste e caatinga pernambucanos e paraibanos, linhas comerciais e ligação com os portentosos do governo regional.

Nas Agulhas Negras ele não era dos mais destacados, pelo menos não nos estudos. Na academia, era conhecido não apenas pelo desleixo, irresponsabilidade ou pela falta de disciplina e de aplicação ao que lhe era lecionado, mas também por sua falácia e expansividade. Alegre, brincalhão, sempre inventando algo para descontraír o ambiente. Sem nenhuma exceção, era querido por todos. Tinha a amizade da turma de cadetes e dos professores. Lograra, através do encantamento de sua simpatia, acesso aos oficiais, inclusive os de gema. Conseguiu até ser íntimo de alguns deles. Assim, mesmo antes de trocar o espadim pela espada, era apadrinhado por alguns graúdos que conhecera. Agora, por exemplo, chega o jovem tenente a Fortaleza como subordinado do capitão Castro. Iam levando ordens secretas da junta militar que governava o país para o comando daquela região militar. Certo que Antônio não tinha missão maior que auxiliar o capitão, ser uma espécie de secretário.

O avião pousa sem problemas na pista da base aérea. Um jipe Willys verde-oliva os leva, capitão e tenente, para a caserna do 23º Batalhão de Caçadores.

Preenche as brumas dos fatos não descritos com a  
imaginação.

Uma Kombi passou fumaçando por eles.

Mauro dirigia enquanto ela, ao lado, tinha o pensamento longe. Sempre Helena se afligiu para fazer escolhas. A cor de um vestido de festa; um modelo de travessa; o perfume que ia comprar; voto para presidente do grêmio estudantil; o presente que, quando criança, pediria a Papai Noel. Ponderava entre um pimentão verde ou vermelho. O gozo prometido ao corpo ou a renúncia casta do espírito? Quando alcançava a bifurcação de uma estrada, tremia, não sabia que trilha correr. Mas e principalmente: intimidava-se frente às escolhas um tanto definitivas e peremptórias.

Não conseguia chegar por si a uma definição e isto ocorreu na opção pelo curso que faria na universidade. Cogitara psicologia, letras e até cinema, porém, no vestibular, passara para medicina por gosto e mando do pai. Foi incapaz de escolher a profissão que exerceria para o resto da vida. Não sonhou um caminho para ela, deixou que outrem fizesse isto.

Hoje é discípula de Hipócrates. Cursando o quinto semestre de medicina na Universidade Federal de Pernambuco, não sabe dizer se é feliz com o que faz, apesar de saber que não é triste. Às vezes se pega fazendo suposições. Será que se estivesse fazendo psicologia ela leria melhor os sentimentos e anseios nas imagens da mãe registradas nos filmes de oito milímetros? Será que fazendo letras ela dominaria suficientemente a língua para traduzir em palavras a miúça de vida impressa nos rolos de filme? Será que fazendo cinema ela conseguiria dirigir um filme no qual capturasse tão realisticamente o sofrimento de uma mulher, mãe e esposa?

Helena desperta de suas considerações quando o carro do namorado para em frente ao sobrado dos Vasconcelos. Despede-se de Mauro com um lépido beijo na boca e não deixa de agradecer a carona. Sai do carro sem ceder às insistentes perguntas de preocupação. Há duas semanas que resiste às intenções que ele tem de saber o que a aflige.

Quando entra em casa, ela chega a carpir sua sorte bufando contra os trancos que está levando da vida, do pai, do namorado, da cadeira de anatomia, da consciência. Vai à cozinha e acha Heloísa e Madalena engatadas no preparo de uma morcela, uma tradição da família passada de mãe para filha Deus sabe desde quando. Inclusive ela, Helena, já sabia fazê-la. A neta sente, recendendo da anciã, o forte cheiro de canela. Percebe a apreensão da matriarca porque sabe da repulsa que esta tem à cozinha, só se engajando em sua lida quando para arrefecer-se e distrair-se dos problemas.

No momento em que Helena abre a tampa do forno e vai tirando de lá um prato feito, escuta uma frase curta de sua avó anunciando que Antônio havia ligado pra avisar que chegaria em três dias. A jovem se controla para não deixar o prato cair no chão, para não revelar sua enorme perturbação. Mais três dias e teria que fazer sua escolha. Qual fosse ela, ocasionaria cicatrizes, guinadas.

Assenta-se à mesa na cabeceira oposta à que esta sentada a avó. Come em silêncio, mastigando o ranço de sua insegurança, salivando o sopapo da informação para melhor digeri-la. Pior, nesta pendenga, não pode contar com o fulcro de Heloísa e, apesar de saber que a avó sempre foi do partido da neta, vê nela somente neutralidade.

A jovem come sozinha, pois já são duas da tarde, e ali, como costume de muito tempo, almoça-se as onze, lava-se a louça e espera-se a hora da sopa, que é após a hora do ângelus. Como Helena nunca tem hora certa para chegar da universidade, conformara-se com o desprazer da comida fria. Para ser franco, nem se importava mais com isto.

Terminada a refeição, levanta-se, vai ao quintal para jogar o resto de comida às galinhas e volta para lavar o prato. O silêncio reina. A doméstica Madalena, que nada sabe dos acontecimentos mais recentes, está mais interessada em acertar o ponto do açúcar no doce. Heloísa reza para que tudo termine bem e logo. Já Helena... Ela está afundada em um poço de emoções, incertezas, carências.

Por que nascera desvalida de força e tino para decidir as coisas? Como saber qual trilha seguir quando o caminho reto está estorvado? Quando está nesta situação, sente ódio de si. Para que serve tanta inteligência como provado em seu desempenho estudantil se não a usa em situações como esta?

A única coisa que prevalece é a falta de denodo, um acovardamento que a domina a ponto de anuviar a decisão certa a tomar. Às vezes se pergunta se ela é do jeito que é porque foi criada sem os pais, sem os *síns* e os *nãos* que uma criança precisa escutar, sem ter em quem se apoiar ou contra quem se rebelar. Pior que esta insegurança não se revela apenas nas encruzilhadas dos caminhos, mas também no enfrentamento manifesto e direto das pessoas. É como se não sentisse poder de convencimento, para dobrar o argumento dos outros. Acha que suas razões nunca eram suficientes ou merecedoras de vez. Evita, pois, a qualquer custo, disputas francas. Prefere simplesmente entregar seu quintal ao desfrute das primas. Caso tivesse que enfrentar algo, melhor que fosse à socapa, sob a proteção do anonimato,

qual passar, dentre centenas de bem preparados concorrentes, em primeiro lugar no vestibular para medicina, tal como no uso de pseudônimos em concursos de poesia que vez ou outra ganha. Por vezes, agradece aos céus o fato do pai ter-lhe escolhido o curso de medicina, e não de administração, onde, a cada momento, opções e disputas acontecem. Mesmo dentro da medicina, seguiria algo como alergologia, nada de muita responsabilidade.

Helena enxuga o prato no qual comera, colocá-o no armário onde se guarda a louça e vai, sem descanso, aos compêndios de anatomia. Deve estudar para um exame que acontecerá em uma semana.

E a vida, como estará ela daqui três dias?

4

Sobe ao primeiro andar, vai ao banheiro.

Precisa escovar os dentes antes de estudar, melhor, antes de fazer qualquer coisa. É um hábito que tomou da mãe nos poucos anos de convivência. Não sabe comer nada sem que depois escove os dentes. Tem, inclusive, dentro da bolsa, um tubo de dentifrício e uma escova de dente que esconde as cerdas dentro de seu cabo; tudo para que, se comer algo fora de casa, possa lavar a boca em seguida.

Pela manhã, depois de abrir os olhos, era sempre a primeira ação do dia, não importava se, daqui a pouco, fosse ao café da manhã, e que o gosto da pasta de dente lhe alterasse o sabor dos alimentos. Claro, depois do desjejum, havia outra escovação.



O reflexo de tanto desvelo – talvez mais que isto: compulsão – era não ter nenhuma obturação de cárie. Não obstante, seus dentes têm um tom meio amarelado, reflexo não de fumo, que não fumava; ou causa de alguma doença, mas, segundo sua dentista Ana Maurícia, porque eram assim naturalmente.

Do banheiro, vai ao quarto. Pela janela escancarada, luz e calor entram e se esparramam pelo quarto. Sequer uma mínima brisa corre para aliviar o sufocante mormaço: prenúncio da chuva que cairá por estes dias, quiçá hoje.

Ela troca a roupa com a qual chegara da rua por uma mais leve. Ao puxar a blusa pela cabeça, emerge da escuridão com vista grudada no diário do pai, pousado na cômoda ao lado de uma grande concha marinha, sob dois romances que lia concomitantemente.

\* \* \*

A história do diário, uma espécie de romance, invade-lhe a mente. Uma narrativa entrecortada por tentativas dela de elucidação daquilo que não era contado, indizível sentimentos de seu pai que somente podiam ser lidos na alma dele, na alma daquele jovem que conhecera Luísa no tempo das tertúlias do Náutico Atlético Cearense ou do Ideal Clube. Festas dançantes, vestidos rodados, jaquetas de couro, lambretas, brilhantina no cabelo dos rapazes, ainda época da Jovem Guarda, resquícios de uma juventude não tão transviada assim e já tolhida pela repressão de ideias, nas liberdades, nas ideologias.

Foi em um destes bailes vespertinos que, perdido em um sábado qualquer, Antônio vira pela primeira vez Luísa: cabelos longos e lisos amarrados em rabo de cavalo alto, franja na testa, vestido vermelho com bolinhas brancas que deixavam à mostra panturrilhas bonitas que sugeriam coxas ainda mais belas. Ficou verdadeiramente inebriado e nem percebeu os olhos atentos do pai da donzela, também militar, capitão-de-corveta, que imediatamente notara a ignominiosa intenção da harpia verde-oliva.

E era lépido o tenente, tanto que, em um piscar de olhos do pai da moça, o jovem já oferecia um refrigerante à Luísa. Ofertou também conversa de quem toma sopa quente pelas beiradas.

Carlos balangou de um lado para o outro até obter informações sobre aquele que assediava sua filha. Conheceu sua reputação. Quando puxou Luísa e a esposa para fora do Náutico, ainda no início da festa e sob protestos da filha, era tarde: Antônio já havia passado um número de telefone e o feitiço à dama. Não que o tenente estivesse procurando namoro sério e firme. Não obstante parecer-lhe ser Luísa a candura em pessoa, sonho de qualquer noivo, queria apenas um novo troféu que pudesse descrever em seu diário. E aquele seria um dos troféus mais gloriosos: beleza de Afrodite, pertencente a uma família de enorme tradição na cidade e cujo pai era extremamente vigilante quanto à sorte da filha única.

Rapaz bisca!

Mas qual vigilância, que nada! Há cerca ou mourão que sustente um touro no cio? Ardis, ajuda de colegas de Luísa, cartas secretas de amor com promessas que só serviam para dobrar ferro; ainda, ele versado nas artes de Casanova e trabalhava um impecável uniforme mais parecido roupa de realeza.

Tudo facilitava a vida de Antônio. E Luísa era presa fácil. Era tão nova e despreparada para a vida.

Na época, colegial do Imaculada Conceição, vivia sob cuidados severos da mãe e do pai, quando este estava desembarcado. As freiras do colégio também a cobriam de zelo quando Luísa estava por lá. Boneca de porcelana. Não ajudava nos serviços de casa para os quais havia várias empregadas. Entregue, desta feita, à leitura de romances voluptuosos e de finais felizes. Consumidora de fotonovelas. Tinha realmente que sonhar com o príncipe encantado.

E Luísa morava em uma casa de muro baixo e que não tinha cães de guarda. Dormia em um quarto cuja janela não era tão alta. Desta forma, ela começara a receber noturnas, furtivas, silenciosas, proibidas e lúbricas visitas para viver uma enorme paixão. Logo de início, Antônio não a visitava todas as noites, pois tinha outros muros para pular; todavia, com o passar das semanas, ele começou a se afeiçoar à Luísa, a ponto de ser por ela que mais perto chegou do sentimento de amor. Mesmo assim, ele não a tratou com mais consideração: ao fim de três meses em Fortaleza, finda a missão que cumpria por ordem do governo militar, arribou da cidade sem ao menos um adeus. Somente a deixara sem dar nenhuma satisfação ou desculpa ou sem alguma outra mentira que a iludisse por meses e meses.

Afora a decepção do abandono, este trimestre não foi mais que uma calmaria antes da tempestade que sucedeu.

Não entendeu Luísa: a janela de seu quarto permanecia aberta, contudo, parou repentinamente de ser visitada. Aquele que a conquistara com os amavios do amor não aparecia mais. Ela, que até então desconhecia a partida de Antônio, primeiro desconfiou de alguma missão secreta na qual ele poderia estar destacado, pois ele se declarava homem de confiança dentro do exército, sempre designado para incumbências sigilosas e confidenciais; ou poderia estar adoentado, recolhido em alguma enfermaria militar; e se ele tivesse sido alvo de algum atentado comunista?

Uma semana de ausência, suposições e saudades se passaram até que ela descobriu, por intermédio de uma colega, que Antônio se tinha ido. A reação de Luísa não foi de desespero, mas de profunda consternação. A partida dele foi sentida, porém, foi ressentida na desatenção dele se ir sem sequer uma despedida, um alento, um até logo.

Em princípio, não gostava nem de pensar na hipótese de ter sido ludibriada, contudo, ao passo de mais alguns dias sem pelo menos uma carta ou telefonema, a cegueira inerente aos apaixonados sumiu, a verdade surgiu nua, acentuando ainda mais a dor que pungia.

Só quem sabe o que é ser usada sabe a indignação que isto causa. E, agora, um gigantesco rodamoinho se anunciava em marolas que banhavam de lágrimas o rosto de Luísa.

Tempestade depois da calmaria.

## 5

Volume de capa vermelha.

Vez ou outra, Helena conjectura os motivos que impelem uma pessoa a escrever um diário; e não imagina uma única razão que tenha valimento para tanto. Admira-se mais ainda de como um homem durão e muito ranzinza se dedique com tanto desvelo, ao longo dos anos, a este tipo de entretenimento. Entretenimento?

Olha novamente para o diário sob os dois romances, aliás, para apenas um pedaço dele. Somente um volume de capa vermelha, irmão de outros inúmeros exatamente iguais que estão guardados na estante do quarto do pai.

A estante é antiga, como tudo naquela casa, tem porta de vidro armado em madeira e que deixa aparecer, arrumados em três prateleiras, os volumes de um só diário. Uma lombada para cada ano. Junto com os tomos vermelhos preenchidos com letras miúdas, existem ainda alguns outros em branco. A cada ano, um caderno preenchido é adicionado à estante e um em branco é subtraído. A chave da porta da estante está escondida em um desvão da escrivaninha que o pai também tem no quarto. Uma chave juntamente com outras. Chaves que abrem o guarda-roupa de Antônio e que abrem um armário com as relíquias e lembranças do exército. Há ali fardamentos novos e antigos, condecorações, fotos, boinas, espadim e espada, medalhas, brevês e armas de fogo com munição viva. E as chaves do sobrado iam aparecendo.

Helena não remexia nas coisas do guarda-roupa do pai porque coisa nenhuma existia ali que a interessasse, já havia examinado. O mesmo acontecia com o armário de pertences militares, não só porque naquele lugar nada existia que a atraísse, pelo contrário, morria de medo de armas de fogo; porém, com a estante de lombadas vermelhas foi diferente: dali obtinha vida.

Era-lhe, desde criança, proibido mexer nas coisas do pai, tanto que tudo dele tinha tranca, menos a porta do quarto. Nestas coisas ela achava as incongruências do sobrado. *Não era naquela casa onde nada se esconde? Não era naquele lar onde nada era trancado?* Assim é que, respaldada nas incoerências e nos absurdos, se dava o direito de invadir a intimidade do pai. Certo que fazia isto sob a capa da dissimulação, do sigilo, deixando meticulosamente tudo em seu devido lugar para que ninguém desconfiasse que algo havia sido bulido. Até os momentos de invadir o território proibido eram fruídos à socapa, sem que a avó percebesse e nunca quando nas visitas de Antônio a Recife.

Não lhe doía a consciência por saber que invadia as entranhas do pai. Faltava-lhe o escrúpulo no átimo de fuçar o imo de quem quer que fosse, como se a individualidade de cada um não carecesse de respeito. E a filha esmiuçava a vida de Antônio, todavia, não era a ele quem Helena buscava. Ela queria Luísa, sua mãe.

*Mas quão pouco há escrito sobre ela! E a ninharia que existe vem lacerado pelo rancor, repulsa, desconsideração. Como conhecer minha mãe se, além de poucos filmes mudos, tudo vem distorcido pelo ódio?*

Helena leu todos os volumes do diário sem conta de vezes, sempre catando os leves indícios e nuances de Luísa, principalmente porque a mãe vinha constantemente em pequenas dosagens, revelada em letras trêmulas como que escritas no furor passional, mais vômito que vontade de relatar algo com palavras. Impressiona-se Helena como quase nada de sua mãe foi escrito naquele diário, como se Luísa não tivesse pertencido à vida dele, melhor, como se Antônio não quisesse que ela tivesse pertencido.

O diário não era tão diário assim. Às vezes, Antônio passava dias ou semanas sem fazer uma anotação para, repentinamente, vir uma enxurrada de informações. Os momentos de maiores lacunas, por coincidência ou por implicância, foram os minguados anos de casados que seus pais tiveram.

Helena pensa que hoje à noite precisa devolver aquele pedaço do diário que está sobre sua cômoda ao devido lugar, afinal, Antônio regressará em três dias.

Três dias...

Deve se precaver quanto aos fantasmas.

Seu braço e sua mão esquerdos sempre entram antes na biblioteca. Procuram o interruptor que acende as lâmpadas incandescentes do lugar. No íntimo, pensa Helena que este ritual de primeiro entrar com braço na biblioteca serve para espantar os fantasmas que lá habitam. A luz que chega em seguida afugenta os fantasmas retardatários que o braço não afugentara. Somente com a claridade tem coragem de entrar ali. Interessante como aquele ambiente, mesmo durante o dia, fica sempre escuro.

Todas as paredes da pequena biblioteca são forradas pela sucupira antiga das estantes; todas as estantes são recheadas de tomos, de forma que não se enxerga paredes nem sucupira, vê-se apenas livros e os fios das prateleiras que outrora foram linheiras, mas, hoje, são vergadas pelo peso do conhecimento e da aventura. Do perímetro da biblioteca, só escapam dos livros a porta de acesso e uma janela que dá para a rua e que nunca é aberta por causa do perigo hodierno dos assaltos. Certo que laráprios não iriam roubar livros, todavia, dali há ingresso ao restante do sobrado. Desta feita, iluminação somente a artificial, provinda de lâmpadas; a ventilação é garantida unicamente por um daqueles enormes e antigos ventiladores de pé, igual àqueles usados em repartições públicas de antanho.

Os vidros das portas das estantes de livros têm impecável transparência já que são vítimas semanais de limpeza com folhas de jornal velho. A minúscula mesa de estudo e leitura que ocupa o centro do lugar é totalmente livre de poeira. O abajur amarelo que a mesa suporta tem o seu pé de madeira sempre azeitado por óleo de peroba a ponto de Helena sempre cuidar de nunca encostar nada de papel que absorvesse o óleo.

Contudo, não obstante a limpeza, o cheiro de mofo é marcante e governa os demais. Se bem que o bafio não incomoda de forma alguma a Helena, acostumada desde cedo a entrar ali.

Ela apanha o livro de anatomia em uma das prateleiras e o leva para a mesa de estudo, para junto do caderno de aula onde faz apontamentos das observações e intervenções do professor da disciplina. Para obter uma iluminação mais confortável, liga a lâmpada do pequeno abajur amarelo. Amarelo? Não, amarelado pelo tempo. No entanto, o que mais lhe chama a atenção na simples luminária não é ela em si, mas a marca que seu pé deixou no tampo da mesa; lugar cativo pelos séculos e séculos, amém! Talvez ela não fosse nem mesmo girada, quanto mais mudada de canto.

Sentada, material de estudo à mão, ela tenta arredar a atenção da decisão que deve tomar, da vida. Ela procura imbuir-se do estudo para o exame que terá que fazer brevemente na faculdade. Existe pouco tempo para o reforço do aprendizado!

Há pouco tempo para o nascimento do denodo! Há pouco tempo para dirimir-se! Ou deixará que outros resolvam, como sempre, por ela? Nomes de ossos, nervos, vísceras, tecidos e carnes desfilam sob sua vista sem que consiga se concentrar neles. Ela tenta desviar a atenção da vida, então busca a lembrança da morte, procura recordar as aulas no laboratório de anatomia com seus cadáveres de estudo, já tão remexidos e examinados que muito daquilo está deformado e esmaecido, apesar da conservação pelo formol.

Afasta a atenção da vida e da morte. Não se concentra nos estudos; olvida o que lhe foi ministrado nas aulas de laboratório e acende um sorriso nos lábios quando lembra alguns de seus colegas de curso que passam mal frente a cadáveres. Não era raro acontecer vômitos ou desmaios.



Uns, de tão fracos, nauseiam apenas com o cheiro do formol. Um colega de turma desistiu da medicina após a primeira e nefasta incursão dele à sala dos mortos. Helena é um caso insólito: não sente enjôo, nojo, compadecimento, intimidação ou pudor em mexer em mortos. Não pensa que desrespeita a memória de alguém, interessa-se apenas em aprender. A visão dos diversos vidros com órgãos imersos no líquido da conservação não lhe dá repulsa, somente desperta-lhe curiosidade.

Todavia, não passa incólume pela sala de horrores. Há algo ali que mexe com ela. Não podia ver a conserva dos fetos humanos. A visão do aborto a transtornava. Pensava na vida interrompida ainda no útero, sem o direito de sequer ver a luz do dia, sem pisar o chão frio, sem mergulhar na grandiosidade verde e azul do mar. E quais as marcas ficam talhadas no coração da gestante que não foi mãe?

Recorda-se da conserva em formol de fetos. Excluindo o natural, o que justificaria um aborto? Há resposta na condição financeira, no egoísmo de uma vida libertina, na desinformação, na manutenção da honradez de uma família, de um nome?

Depois de duas horas, fecha o livro e o caderno. Peleja vã. Não consegue estudar, pudera: como arredar a atenção da vida, ou da morte? Desliga o ventilador, apaga as lâmpadas do abajur amarelado e do recinto. Seu braço e sua mão esquerdos sempre saem da biblioteca depois dela.

Deve se precaver quanto aos fantasmas.

O tempo insta

Olha para o oito da parede da sala: são cinco horas da tarde. O tempo insta; o tempo voa a ponto de, daqui para às sete, os três dias que faltam para a chegada do pai estarem cumpridos. Sente o desespero esfriar-lhe o fio da espinhela.

Dos seus olhos brotam lágrimas rasas, apagadas rapidamente com o simples passar do dorso da mão. Deseja fazer algo, mas o quê? Com que força? Será que um simples desabafo ajudaria a solecar o estrangulamento que a vida lhe faz? Vai à mesinha do telefone, apanha o fone e liga para Vinícius, para o trabalho de Vinícius. É quase fim de expediente, e marca um encontro para daqui uma hora, em Boa Viagem, no costumeiro quiosque que vende água-de-coco.

Quando baixa o fone, vê a avó no umbral da porta, fronteira entre sala e cozinha; olhar de desaprovação com o encontro acertado. Contudo, Helena não se intimida com a silente e irascível repreensão, afinal, não é no relho ou no ralho que sente a ameaça, mas no vago do futuro, na mudança, no denodo abalado por incertezas. Sobe ao quarto, põe um *jeans* que se amolda fácil às curvas de seu corpo, calça um tênis velho e macio, veste uma camiseta branca de malha sem esquecer do sutiã, pois, sem ele, os seios marcariam a blusa. Mamilos cor da pele, porém, um pouco salientes. Prefere que os homens imaginem o recheio da roupa que desfrutem um minucioso desenho no tecido. Algum dinheiro e identidade estudantil no bolso. Antes de sair, vai ao quarto da avó, despedir-se dela.

- Não preciso dizer aonde vou, não é?
- Cuidado e volte cedo.

Helena dá, na anciã, um abraço mais demorado que o de costume e se vai.

\* \* \*

O coletivo para a praia não demora muito a passar que a linha é bem servida, o que a espanta mesmo é o fato do ônibus estar praticamente vazio, justo naquele horário de saída do trabalho, fim de expediente. Consegue assim um lugar sentado, à janela.

A paisagem citadina passeia por seus sentidos: a confusão do trânsito; o barulho torturante das buzinas; semáforos indecisos entre o verde, o amarelo e o vermelho; crianças mendigando entre carros dos engarrafamentos. Contudo, nenhum estímulo externo a faz arredar de seus pensamentos, dos problemas, do problema. Lembra-se de Vinícius, transforma-o em esperança. *Será que ele poderá me auxiliar?*

Ela ama o primo, ama um amor mero, de irmão; entretanto, não foi sempre assim. Vinícius é o único primo varão que possui. Dos netos descendentes de Arnaldo Vasconcelos, foi o único que nasceu macho, o resto era um mar de fêmeas. Vinícius, ajuntado com o seu tio Antônio, era toda posteridade varonil do patriarca, joia póstuma deste.

Por isto, neto somente, sempre atraiu todas as atenções, mimos, cuidados; por isto, alvo de devotamento, cresceu menino cheio de caprichos e vontades; por isto, dentro dos sobrinhos, netos, era o que mais podia, mais tinha: era o mais. Por isto, atraiu a antipatia não dos avós, tios ou primas, mas exclusivamente dela, Helena, que não aceitava a exclusividade das atenções que o outro era alvo.

Nas pueris brincadeiras, se ele fazia o choro de alguma prima era porque isto era coisa de criança, no entanto, se o choro fosse dele, a coisa se tornava outra, um “Deus nos acuda”: palmadas e castigo àquela que provocou a desgraça. *Eu, quase sempre!*

Quando ele começou a estudar, qual não foi a surpresa de vê-lo se destacar com resultados supimpas, desta feita, conseguia atrair ainda mais os comoventes elogios daqueles que o cercavam.

Helena, nesta época, aumentou o desgosto com primo em rixa e despeito, afinal, ela conseguia melhores resultados no boletim escolar e nunca recebeu um mínimo “meus parabéns”, pelo contrário, somente escutava que não tinha feito mais que sua total obrigação.

A rivalidade jamais arrefeceu, mas encontrou trégua no distanciamento que eles tiveram quando já eles estavam mais crescidos e apenas era avivada nas raras festas de família, quando se reencontravam.

A relação entre os primos só mudou com os acontecimentos de três anos atrás, quando ele tinha quinze e ela dezesseis. Vinícius reuniu os pais e a irmã Vitória na sala do apartamento onde residiam e assumiu, ou melhor, declarou sua homossexualidade. Espanto geral. Ele não tinha trejeito sodomita, era centrado e bem bonito a ponto de ser muito procurado por garotas. Como poderia? Os pais dele não aceitaram, as-suntaram em mudar a cabeça do jovem com conversas e até o mandaram para uma psicóloga, tudo em sigilo familiar que não durou muito porque Vitória contou só para uma prima, que contou só para outra prima, que...

Rebuliço, disse-não-disse, mexericos. Foi o inaceitável acontecendo. Vinícius, que seria o continuador daquele ramo dos Vasconcelos, depois de constatado por todos a irrevogabilidade de seu querer e pensar, passou a ser considerado uma ovelha negra, nódoa de ignomínia no seio familiar.

Interessante como se muda de opinião a respeito do caráter de outrem apenas com uma revelação de algo que nada tem a ver com o quilate da pessoa. Helena então se revoltou com a atitude da família que pungia com injustiça aquele que tinham alimentado com o leite do carinho, objeto de admiração, de cuidados.

Desta feita, para surpresa até de si, Helena se aproximou do primo. No então, ela pensara que tal atitude era reflexo certo da revolta contra a desfeita que a família via nos modos de Vinícius; além de considerar uma coerente reação à forma conservadora dos seus verem e terem as coisas.

Helena não apoiou seu primo, nem desapoiou; apenas ficou com ele quando todos o enjeitaram. E até foi vista com certo desprezo pelo que estava fazendo. A situação ficou tão insustentável para Vinícius no seio familiar que ele foi morar com um amigo, ou namorado – *sei lá!* – Mesmo assim, deserdado por todos os outros familiares, Helena não o abandonou. Encontros e conversas por telefone estreitaram os laços do apreço; e, em pouco tempo, ela pôde ver como primo estava diferente dos idos de infância. Suspeitou que tudo aquilo fê-lo outro. O padecimento para aceitação própria de uma nova opção, aliado ao sofrimento da diferenciação, fel da repulsa caseira, condenação injusta no tribunal da discriminação. No entanto, talvez ele não tivesse sofrido coisa nenhuma com a nova escolha, na aceitação em si de sua homossexualidade; e tivesse sofrido apenas com o resto.

Seu ônibus, que segue para Boa Viagem, passa por uma das pontes do Capibaribe. Ela olha o rio nos poucos segundos de travessia, cão sem plumas, e, como fotografia, retém na retina os elementos da paisagem: o vulto de outra ponte mais acima, o mangue, as palafitas de pobres ribeirinhos, catadores de caranguejo. Podia até adivinhar os navios atracados no porto, às suas costas, na foz do rio.

Seguia para a praia em busca de uma luz, quem sabe se Vinícius não trará uma palavra que alumie o vindouro?

Hoje ela sabe que o que fez o estreitamento da amizade que tinha com o primo foi muito mais que fruto da revolta contra injustiças ou o simples fato de unir forças contra o conservadorismo daquele ramo dos Vasconcelos. O que a fez próxima do parente foi a admiração. Enfrentar todos e tudo porque era sua vontade de assumir o que queria para si, e olha que ele não precisava passar por isto, por todo este penar, pois, se Vinícius não tivesse falado dele, talvez nunca que seu homossexualismo fosse descoberto. Trejeito amaneirado não tinha; conversa de indecências também não; intrujices e insinuações com os próximos ele tinha muito menos.

Souberam dele porque ele contou, e pugnou por seus quereres com tal certeza que Maomé não removeria a montanha de sua convicção; somente escolhera aquilo para si, independentemente do que pensariam outrem. Consigo, Vinícius determinou, definiu, escolheu, elegeu, selecionou, optou por seu futuro; e foi isto que fascinou e atraiu Helena a ponto de causar a junção daqueles que outrora se engalfinhavam.

Desce do coletivo na Avenida Conselheiro Aguiar, paralela àquela à beira-mar, percorre duas quadras e contempla a imensidão do mar. Helena demora em conseguir atravessar a avenida. Enquanto caminha para o costumeiro ponto de encontro, nem percebe a movimentação de final de tarde no calçadão: caminhantes de todos os sexos e idades se exercitam; vendedores de roletes de cana e pipoqueiros lutam pela sobrevivência; marrãs discretas e outras espalhafatosas oferecem seus préstimos; mais crianças esmolam; turistas, alguns poucos foliões que começam a chegar para o iminente carnaval de Olinda e Recife aproveitam a orla e seus restaurantes.

Chega ao pequeno quiosque que vende água de coco, olha em volta e certifica-se que Vinícius não apareceu: faltam ainda vinte minutos para o horário combinado, fora o desconto com atraso rotineiro do parente. Helena, uma vez que chegou, faz como sempre: descalça o par de tênis e o entrega a Romildo, o dono do quiosque, para que ele o guarde; pega uma água de coco e vai para a beira do mar. Senta-se na areia amarela onde o primo possa vê-la quando chegar. Só então, sentada, prova do coco, e, para seu azar, percebe que a água está salobra.

*Será que, hoje, nada é capaz de dulcificar minha vida?*

8

O sol havia se posto.

Do lusco-fusco não resta mais nada. As luzes da orla e de toda uma cidade às costas de Helena já estão acessas; assim como também se encontram vivos os holofotes postos pela prefeitura para iluminar a franja de praia e arrecifes. O clarão emitido pela cidade se reflete nas nuvens baixas que passam. O tempo parece se formar em chuva.

Helena, que continua aguardando a chegada do primo, olha em direção ao mar. Nada mais dá para ver do horizonte, na escuridão, a não ser os lumes de navegação de uma embarcação que, lentamente, passa pelo costão.

E, como se estivesse hipnotizada pelo movimento lento da embarcação, relembra o diário com as palavras escritas por Antônio, letra miúda e quase indecifrável. Procura imaginar as feições do pai quando recebeu aquela inesperada carta.

A primeira surpresa foi saber que Luísa, de alguma forma que ele não lograva imaginar, conseguiu o endereço da casa do Recife, dos pais dele, onde passava férias. Contudo, a surpresa com a chegada da missiva não se comparou com o espanto da notícia que ela trazia: gravidez.

Não foi fácil para Antônio assimilar o impacto da novidade, muito menos aceitá-la, tanto que não teve dúvidas em eximir-se da responsabilidade, fugir, esconder-se, refugiar-se na distância que os separavam.

A primeira carta ficou sem resposta do mesmo modo que todas as outras até a décima quinta. As missivas chegavam quase que diariamente, numa insistência que conseguiu vencer o silêncio do tenente. A carta que ele enviou a Luísa tinha página única, era simples e direta no que poderia esperar dele, isto é, nada mais que nada; e no que ele esperava dela, uma solução peremptória.

E Helena soube, pelo diário, da existência desta carta-resposta, apesar de desconhecer o teor dela, que as palavras escritas pelo pai no diário não diziam coisa nenhuma a este respeito.

\*   \*   \*

Capítulo obscuro da vida de Antônio e de Luísa, mostrado como a ponta de um *iceberg*.

Foi enviar uma única carta para que as de Luísa parassem de chegar. Por dias, o militar pensou que seu problema tinha sido resolvido, que Luísa tinha logrado sozinha o desembaraço do *estorvo* que os unia. Ilusão de um inconstitucional! Pouco tempo depois, chega uma carta formal do capitão-de-corveta Carlos



Arruda para o ilustríssimo coronel Arnaldo Vasconcelos, pai de Antônio. O oficial da marinha, naquela, exigia a retratação de um erro; que a dignidade de sua família fosse preservada, já que a da filha dele não mais existia.

O coronel não se fez de mouco. No seu entendimento de nascido e criado na caatinga nordestina, só havia duas maneiras de se lavar a honra de uma donzela maculada: ou casando, ou emasculando o dito saltador de cerca.

Não por ser seu ignominioso filho o causador de todo este embuste que o rapaz iria passar impune pela lei do sertão. Afinal, o coronel Vasconcelos também tinha sua honra para zelar, ela era o laudel com que se vestira para conquistar respeito, terras, influência, riqueza e poder. Não era doutor de faculdade, que não teve oportunidade de estudo quando jovem; nem por isto deixou de ser culto, porque, depois de sua alfabetização tardia, reconhecendo a valia da leitura e da informação, lia compulsivamente tudo o que caía em suas mãos. Desta feita, era entendido das coisas e defendia sua opinião com argumentos. Porém, os argumentos com os quais salvaguardava sua honorabilidade não ficava apenas na retórica das palavras.

No sertão, respeito deve ser alcançado de qualquer forma, inclusive empunhando peixeira, ou liderando jagunçada com suas iniquidades.

Só que, honra à parte, o coronel ia mais além, que era homem de bater o martelo e virar a ponta do prego. O casamento poderia por fim à vida libertina do filho; a paternidade, quem sabe, determinaria o equilíbrio que Antônio precisava ter.

Claro que tudo dependeria também da força com que a esposa puxaria o cabresto colocado no marido.

Assim, o casamento foi marcado para quinze dias depois, que a barriga da desonra começava a aparecer.

E, rapidamente, duas semanas se passaram. Bodas celebradas pelo bispo; comemoração na fazenda mais bonita que o coronel tinha, e com a presença dos parentes, compadres, políticos graúdos e potentados; comilança de muito churrasco de boi e de bode, regada com cachaça do alambique do engenho da própria fazenda e envelhecida no carvalho.

A festa foi muito bonita e muito alegre. Os pais dos noivos, sobremaneira o sogro de Luísa, estavam contentíssimos. A alegria de Arnaldo inclusive vinha pela esperança de ver nascer o primeiro neto varão, herdeiro de seu cabedal. O único que não participava de toda aquela ledice era Antônio. Sorriso nem para as fotografias do álbum de casamento. A festança das bodas só parou de ser comentada por aquelas bandas quando desavenças da política tocaiaram em morte o coronel Arnaldo Vasconcelos, três meses antes do nascimento de mais uma neta.

Nasce Helena.

9

Vida emborcada; sorte salobra.

Emborca o coco e derrama sua água salobra na areia. Está cansada de esperar por Vinícius. Levanta-se e caminha de volta para o quiosque de Romildo. Em cada passo que dá, procura sentir a areia passando por entre os dedos dos pés, como sente a brisa passando pela nuca e cabelos, como sente o gostoso cheiro de mar, passa a língua pelos lábios e sente o sal da maresia. Se tivesse algum credo, dir-se-ia filha de Iemanjá.

No calçadão, no quiosque, entrega o coco vazio para que Romildo possa jogá-lo no lixo, pede seus tênis e os calça. Paga a despesa.

- A água-de-coco estava boa?

- Estava uma delícia! – Disse Helena sem o menor escrúpulo de estar mentindo.

Helena sai dali e vai ao telefone público mais próximo, põe uma ficha nele e liga para casa:

- Gertrude, sabes dizer se Vinícius ligou deixando algum recado para mim?

- Minha filha, ligou sim! Pediu para te avisar que ele se envolveu em um acidente de carro, mas que está tudo bem. Ninguém tinha se machucado. Só que não daria para ir a teu encontro, pois estava esperando a perícia.

- Sim, teu namorado ligou também. Ele parecia brabo.

Helena desligou o telefone agradecendo a Gertrude pelo recado. Se havia alguma coisa que aquela senhora fazia direito era dar recados; praticamente repetia todas as palavras de quem deixou a mensagem. Carpiu também a má sorte do primo, mas principalmente a própria má sorte. O jeito é tomar o lote novamente para casa.

Sorte emborcada; vida salobra.

10

Entra em casa batendo a porta atrás de si.

Vira-se para passar a chave na fechadura. Guarda a chave no bolso, a única que possui na vida, a única que lhe fora permitido ter. Queria outras, principalmente a que abre o esconderijo onde fora recolhido a sua parcela de denodo.

O sobrado parece-lhe estar um pouco mais triste, talvez por ter poucas luzes acessas, talvez por causa do quase sólido silêncio reinante. Não há um rádio ou uma televisão ligados, nem movimento algum na cozinha; barulho somente o tique e taque do relógio *Ansonia* preso à parede.

Quando avança mais para o meio da sala, ela vê a avó numa cadeira de balanço, agulhas de tricô nas mãos. Será que faz uma echarpe nova ou uma manta para recém-nascido? Helena se aproxima dela, dá-lhe um beijo na testa e fala que não vai jantar. Está sem fome. Avisa que vai subir para assistir um dos antigos filmes de família.

Heloísa nada fala, somente faz cara de descontentamento.

As sombras da passagem de Luísa por aquela família, pela vida daqueles que ali moram, foram apagadas.

Roupas, joias, fotos, perfumaria e maquiagem, pertences particulares, tudo foi mandado para Fortaleza em mudança definitiva. Porém, no território inóspito e escuro do sótão, em meio a uma grande quantidade de tralhas antigas, foi esquecida pelos interessados da época uma caixa com uma porção de filmes de oito milímetros. Havia também um projetor japonês guardado em outra caixa. O equipamento era velho, no entanto, estava em perfeito estado de conservação e pronto para o uso.

Quando ainda criança, Helena havia encontrado, juntamente com aquilo tudo, a estranha e improvável intuição de guardar segredo sobre seu achado. Depois do regresso de Belém do Pará, já adolescente e com algum conhecimento da língua inglesa usada no manual de instruções do projetor, foi que pôde ver o que continha os filmes mudos.

As primeiras projeções foram feitas no próprio sótão, escondida de todos, pois, não tinha dúvida, estava em plena delírio.

E alguns anos se passaram até que fosse descoberta; descoberta quando já havia visto cada filme dezenas, quem sabe centenas de vezes; quando aquilo já pertencia a ela; quando ninguém mais tinha força suficiente para tomar dela os filmes.

Eram ao todo vinte e cinco pequenos rolos de filmes que tinham, cada, dois, três ou quatro minutos de imagens. Todos eram datados, o que permitia a Helena ver o filme e ler a crítica deles nas páginas do diário de Antônio. A sua grande maioria era de reuniões familiares em torno de confraternizações de natal e de aniversários e da infância de Helena. Havia alguns pouco filmados em viagens, como quando Arnaldo e Heloísa foram ao Rio de Janeiro, mas quatro daqueles rolos eram muito mais especiais para Helena: traziam Luísa.

Certo que as imagens tinham péssima qualidade, que eram em preto e branco e que havia neles muitos erros de focalização; porém, continham Luísa, e isto era o que importava para aquela espectadora solitária.

Helena não tem dúvida de que aqueles quatro rolos de filme de oito milímetros são os maiores tesouros de sua vida; tudo o que sobrou de sua mãe.

O primeiro dos quatro filmes fora feito no sobrado e mostrava os exatos móveis que se vê hoje e nas mesmas posições, a única mudança no habitual é ver o lugar pleno e festivo: o primeiro dos quatro filmes mostra a comemoração de um aniversário de Antônio. Arnaldo ainda não havia morrido. Luísa surge grávida e com cara descontente por causa do marido que, bêbado, parece assediar uma das convidadas. Pelo diário, Helena sabe que não é somente aparência aquilo que desconfiava a mãe: a justa convidada era uma antiga namorada de Antônio e, por mais alguns anos, mesmo ele estando casado, continuou sendo sua amásia.

O segundo e terceiro filmes são do aniversário de primeiro ano de Helena, na residência do Parnamirim, onde seus pais moraram quando casados. Casa pequena e iluminada, com grandes janelas sem cortina e com decoração simples de quem está começando a vida de casado. O pai não aparece no filme; na época, estava ele em missão em Porto Alegre. Desta feita, as páginas do diário não trazem nada escrito do primeiro aniversário da filha, por sinal, não apresenta nem menção de lembrança da data pelo pai. O que marca aquele dia no diário é uma farra de Antônio com amigos na Avenida dos Farrapos, em Porto Alegre. Helena não tem o diário como segunda referência para interpretar o que aconteceu, possui apenas as imagens de uma mulher abatida, com a postura defensiva, um sofrimento estampado no rosto.

O último dos filmes exhibe a comemoração do natal na família Vasconcelos em 1972. Helena não aparece, possivelmente por estar dormindo. Luísa é filmada com um copo de uísque na mão, gargalhava do rebuliço que causava, sendo que, no filme, na festa, somente ela ria. Todos os outros que contracenavam vinham sérios, incomodados; inclusive Antônio. Nesta época, Helena sabe, sua mãe já havia começado o processo de fuga.

Passar e repassar estes filmes mudos, principalmente aqueles quatro: disto Helena não se cansa. Cada vez que vê as imagens de sua mãe, descobre algo novo nela ou dela: gosto por qual tipo de roupa; como costumava pentear os cabelos; como sorria; como cuidava da filha; como via Antônio; como era tratada pelos parentes agregados e pelo esposo; como se portava; o sinal de nascença que tinha no braço esquerdo; como se sentava; que altura tinha; o tom da pele; como punha um doce de festa na boca. Helena, às vezes, surpreende-se de como agadanha evidências e minúcias de tão pouco gravado de Luísa; para tanto, muitas vezes projetou os filmes em movimento lento, sempre em busca de qualquer coisa que tivesse passado despercebida.

E, Helena, dentro de seu quarto, projeta pela terceira vez o filme no qual está no colo da mãe, quando a avó aparece no umbral da porta que nunca é trancada. A jovem, pressentindo a presença de Heloísa, desvia o rosto banhado de lágrimas do filme para a senhora.

- Vovó, não sei porque não gostavas de minha mãe, que foges do assunto logo que ele se chama Luísa – as lágrimas da neta comoviam a anciã -, estou necessitando dela como nunca na minha vida necessitei. A senhora tem que me dar o endereço de Fortaleza, e não me venha com a desculpa de não tê-lo que estará mentindo. Durante anos retiveram e destruíram as cartas que me chegavam do Ceará.

Heloísa se espanta ao descobrir que a neta sempre soube desta verdade. E, menos pelos argumentos e mais pelo desespero das lágrimas, rende-se à Helena.

Desespero banhado em lágrimas.

Helena fora sacudida por uma forte onda...

Ela tinha seis anos quando seus pais se separaram. Aquilo que normalmente acontece, dos filhos ficarem com a mãe depois de um desenlace matrimonial, não ocorreu; sequer houve alguma espécie de litígio pela guarda da criança. Prevaleceu o bom senso. Como poderia uma mulher alcoólatra e viciada em cocaína pretender criar e educar uma Helena pequena? Luísa não podia nem consigo própria, quem dirá com outrem.

Na época, disseram para Helena que sua mãe estava ausente porque, mais uma vez, estava em uma clínica de reabilitação, se tratando. Uma criança daquela idade entende alguma coisa? Helena já vira sua mãe se ausentar para voltar melhor. Assim, engoliu a queixa e o choramigo da saudade.

E aquilo que disseram não deixou de ser uma verdade. Luísa, depois da separação, voltou para o seio paterno, em Fortaleza, e lá buscaram tratamento para os problemas dela. Só não contaram para Helena que sua mãe não voltaria mais. E dias e semanas se passaram apenas prolongando o inevitável, concórdia fugaz.

- Vovó, minha mãe morreu? – A pergunta veio sem meias palavras, regadas por discretas lágrimas que escorriam na face de uma indefesa criança.

Deste modo, Helena soube a verdade; e foi um choque: um dia a esperança do regresso da mãe, no outro, nada mais. Ela fora sacudida por uma forte onda e emergira faltando-lhe o fundo do mar.

Confusão, medo, saudade.



Na voragem dos acontecimentos foram sumindo a alegria e a expansividade; talvez, a confiança e a segurança. Houve que se acostumar com a falta da mãe como se acostumara com a ausência do pai, sempre destacado para serviços em diversos recantos do país, e até no estrangeiro, como adido militar. Sobrara-lhe, pois, unicamente a avó paterna, Heloísa.

Infância com vazios. O pai só era visto por ocasião das férias do serviço, momento em que ia para Recife.

Não obstante, anos depois, quando estava com doze anos, Helena se determinou a morar com o pai onde quer que ele estivesse morando. Tanto insistiu que conseguiu. Mudara-se para Belém.

A casa na capital paraense fazia parte de uma vila militar. Com três quartos, um banheiro, cozinha, sala de estar e jantar e uma pequeníssima varanda; ela era velha e pequena, mas bem limpa e cuidada; com poucos e baratos móveis, ideais para serem deixados para trás na próxima arribada. Ali também havia Ana, uma paraense com traços indígenas que servia como doméstica...

E Helena emergira faltando-lhe o fundo do mar.

12

Mudara de casa.

A capital paraense era mais provinciana e modesta que Recife, contudo, Helena sentia mais prazer em morar ali. Podia ser porque a cidade era cercada pela floresta e mesmo invadida por ela; podia ser porque lá chovia quase que diariamente, coisa um tanto rara de onde viera; podia ser por causa da culinária muito exótica e diferente pela qual se apaixonara a ponto de começar a engordar um pouco.

Não há dúvida que a ausência do mar foi muito sentida, privava-se ali da primeira paixão que identificara em sua curta vida de uma dúzia de anos; não obstante, havia a chuva, sua segunda paixão.

Cidade acolhedora; lar nem tanto.

Aconteceu algo inusitado logo no primeiro olhar trocado por Ana e Helena: a antipatia. Ana era somente três anos mais velha que ela, e bem que elas poderiam ter sido amigas se a paraense não tivesse aquele jeito de superioridade. Era doméstica, fazia os serviços de casa, mas tinha uma empáfia de madama, como se fosse dona do lugar.

E já na primeira noite dormida ali, a menina acordou às quatro da manhã escutando o ranger compassado vindo da cama do quarto do pai. Helena descobriu que Ana tinha realmente um motivo para se sentir a dona da casa.

Ana tinha apenas quinze anos, mas já era mulher toda feita. Tinha um corpo bonito, mestiço da mistura de índio com branco; sugeria a volúpia com andar; tinha a lascívia espontânea da juventude; carregava o ímpeto do desejo sempre em riste.

Não era de se admirar que uma garota daquela despertasse o interesse de seu pai.

Havia um clima hostil entre as duas, evidente ao mesmo tempo em que era velado. Parecia que o ar que se ali respirava ficava mais pesado assim que Helena chegava do Colégio Nossa Senhora de Nazaré por volta de meio-dia, trazida pelo transporte escolar. Permanecia o mesmo ambiente durante toda tarde, quando Antônio ainda estava no quartel, de serviço. Elas ficavam sozinhas, mas cada uma em lados opostos da casa; Helena, normalmente estudando ou lendo no quarto; Ana, preparando um delicioso jantar na cozinha. A recém-chegada impressionava-se de como o jantar era muito mais saboroso que o almoço de todo o dia.

Cidade acolhedora, escola nem tanto.

A transferência de Helena do marista de Recife para o marista de Belém se deu sem problemas, apesar do ano cursivo estar no seu segundo bimestre. A pernambucana não teve a menor dificuldade em acompanhar o conteúdo das matérias ministradas.

Mais, não tardou em se destacar nas notas. Desta maneira, talvez fosse de se esperar que logo fizesse muitas amizades, senão porque os expoentes suscitam admiradores, pelo menos porque atraem também interesseiros, como aqueles que querem cola nos exames escolares.

Mas o provável não ocorreu.

O sucesso dela foi ofuscado por algo insignificante a qualquer um com mais maturidade que crianças de doze anos; foi suplantado pelo sotaque que ela tinha. Helena falava palavras como *titia* de maneira muito diferente, coisa que pirralho nenhum deixa passar em branco, sem chacota; ainda mais se a pessoa com quem se brinca se sinta humilhada, ou um pouco mais excluída, como sempre Helena se sentia, desde a primeira infância.

Entretanto, foi em meio a toda esta turbulência que aconteceu algo de maravilhoso para Helena. Tia Pingo, uma das professoras dela, afeiçãoou-se à pequena marginalizada.

Pingo era professora das turmas de alunos mais crescidos, que não chamam professores de tio ou tia, entretanto, com Pingo era diferente. Muita meiguice e doçura associadas a uma imagem corporal gorda a transformaram em uma eterna tia, daquela que todos gostariam de ter, e, desta feita, ela continuou com àquela alcunha carinhosa. O apelido Pingo talvez fosse por causa do formato de gota que seu corpo tinha, quem sabe?

Em princípio, Pingo via naquela garota um retrato de si mesma quando ainda pequena: muito diferentes fisicamente; todavia, iguais no tratamento que recebia dos colegas.

Na época de estudante, sofria também as pilherias por ser obesa. E qual é a diferença de ser discriminada pela gordura ou pelo sotaque?

Em princípio, Helena via naquela tia Pingo a figura de professora, depois viu nela a figura da tia; depois, mais...

Deste jeito, identificação de um lado e substituição de outro, professora e aluna começaram uma amizade franca e sincera. Não demorou muito, Helena começou a ir passar as tardes na casa de Pingo. Todas as tardes. O pai dela passava no início da noite na casa da professora e apanhava a filha para levá-la para casa.

O lar de tia Pingo, no bairro do Entroncamento, era simples; passava longe da suntuosidade do sobrado do Recife, mas tinha um algo especial que Helena sempre sonhara ter: um ambiente familiar. Pingo era divorciada, mas vivia com os filho André, Ana Paula e Rafael. Era uma família, com uma mãe e irmãos. Sonho? Helena não parou de estudar, que naquela residência estudo era levado a sério; contudo, também havia sorrisos e brincadeiras com os irmãos postiços.

Havia as brincadeiras com as crianças da vizinhança na tranquila rua de terra na frente da casa. Existia o carinho de mãe. Sem esquecer que também havia a culinária paraense. *Como tia Pingo cozinhava bem!* Não era à toa o sobrepeso de Pingo e ao que ela costumava tratar como excesso de fofura. Grande mulher, que tinha um coração proporcional ao corpanzil.

Mudara de casa.

E Helena fora em busca de um pai para si; porém...

Morando em Belém, a jovem percebeu que o pai agora pouco ria, diferentemente de quando ela o via todos os anos, invariavelmente em outubro, quando do mês de férias que ele tinha; ou como nos oito milímetros do passado onde, mais tarde, Helena veria, nas comemorações de família, o pai em francas e fartas gargalhadas, figura de trocista. Não foi difícil chegar à conclusão de que, com o correr do tempo, ano seguido de ano, os sorrisos nos lábios dele escasseavam.

E Helena fora em busca de um pai para si; porém... Antônio era hermético, imune ao afeto de quem quer que fosse, indecifrável pelas palavras que dizia, misterioso pelas que não dizia. Só fazia o que lhe ordenava a vontade, acontecesse o que acontecesse, magoasse quem magoasse. Alguns amigos da academia militar afirmavam que ele sempre foi inconsequente, entretanto, não era inconsequência a palavra que mais se ajustava a Antônio e, sim, licenciosidade. A prodigalidade com que dissipava seus haveres e o modo como usava e manipulava as pessoas eram meios para que fruisse sem medida e limites a liberdade.

Não foi à toa que seguiu para a academia militar assim que surgiu a oportunidade. Claro que ali ele não buscava aventuras joviais ou um futuro na sólida carreira militar, mas exclusivamente alforria do jugo do senhor Arnaldo Vasconcelos, ficar longe de sua influência, de sua mão que mais batia que alisava.

Não foi à toa que, enquanto pôde, esquivou-se do enlace matrimonial e da responsabilidade da paternidade que deveria assumir. Refugiou-se na esperança de que a fuga de Fortaleza seria o suficiente para resolver seus problemas; de que Luísa não passasse de um registro em seu diário.

Não foi à toa que desconheceu ou ignorou a expressão fidelidade conjugal. Preferia as viagens pelas plagas do desconhecido a ligar-se naquilo que considerava os grilhões da monogamia, certeza de infelicidade.

Não foi à toa que largou o embaraço da cria sob a responsabilidade de outrem.

\* \* \*

No entanto, ali estava Helena, numa cobrança tácita, ao mesmo tempo veemente, de algo que ele não sabia o que era. Mas, inútil saber o que ela desejava, pois, mesmo que tivesse para dar, Antônio não daria. *Egoísta!* Carinho para ele tinha um valor; em moeda corrente... Não era da natureza dele dar algo para alguém, principalmente se esse algo fosse imaterial. Quanto a receber, ele já não era tão imune, ainda mais se tivesse valor pecuniário ou que lhe favorecesse em graças. Dispensava as demonstrações de afetuosidade. Desde criança, Antônio fora acostumado sem a ternura dos pais, uma vez que na família não havia muito isto de afagos, meiguices; não obstante ser os Vasconcelos uma casa unida e que ria muito. Desta forma, Antônio crescera seco e seco se acostumara a ficar. De que lhe serviam os carinhos e preocupações da filha?

O Exército ainda enrijeceu um tanto mais aquele homem. Fê-lo viver uma verdadeira guerra civil que se estabeleceu na época da ditadura militar, guerra de bastidores, camuflada em ideais nacionalistas. Havia também os treinamentos que recebia para ser homem de combate. Há poucos anos, fora mandado para um destacamento de selva onde recebeu instrução e treinamento para ser integrante da tropa de co-

mandos. Logo que chegou ao acampamento, ganhou um filhote de vira-lata para criar e cuidar, do mesmo modo como ganharam todos aqueles que chegaram com ele. Juntamente com outros militares que também faziam o treinamento, Antônio passava o dia na severidade dos exercícios e do aprendizado, dentro da mata fechada, de baixo de torrenciais chuvas equatoriais, sofrendo privações físicas e pressões psicológicas. Quando, à noite, ele retornava ao acampamento, era recebido pela alegria do cãozinho que crescia. Rápido aquele animal se tornou seu melhor amigo. À medida que o curso ia aumentando em grau de dificuldade, exigindo mais resistência física, psíquica e emocional, mais Antônio se apegava àquele cão. Aprendera a se orientar pelas estrelas; a montar tendas com o uso de somente uma faca; a se alimentar das coisas do mato, comendo frutos e bichos silvestres como cobra e macaco; a identificar plantas medicinais; a se mexer na floresta e a surpreender inimigos; a suportar mordidas de insetos. Depois de seis meses de curso, de ver alguns companheiros desistirem por não suportarem as dificuldades do treinamento para se tornar um comando, de ter aguentado dores físicas e resistido às intempéries da selva, recebeu uma última missão para que obtivesse o brevê do curso. Mandaram-lhe que matasse o cachorro, seu melhor amigo, e que o assasse na fogueira para sua última refeição ali no campo de instrução. Isto de Antônio ganhar um filhote no início do curso, de afeiçoar-se a ele para no final ter que matá-lo era mais uma surpresa que fazia parte do treinamento que tinha, desde sempre, o propósito do inesperado. Ele se assustou com a inusitada ordem, mas não vacilou em se desapegar de sua estima, em sacrificar aquele animal, afinal, havia de mostrar sua valia, que era merecedor de ser um comando. Não lhe foi difícil comer carne de cachorro, entretanto, foi-lhe difícil fazer a imolação não só do cão, como também do resto de humanidade que havia em si.

Secou o saldo de sentimento bom que havia na cacimba de seu coração: sobraram-lhe o oco, o ar podre, a escuridão.

Antônio saiu dali com a segura convicção de nunca mais se apegar a nada e nem a ninguém. Mas, e sua filha? E Helena fora em busca de um pai para si; porém...

\* \* \*

Apesar de, naquela época, Helena ir atrás de um pai; apesar dela o achar e o conhecer um pouco mais em sua essência; apesar da proximidade concreta; apesar de tudo, ela não o teve para si. Tinham a presença um do outro, entretanto, não tinham amálgama entre eles. Por mais que ela procurasse a companhia do pai, por mais que puxasse conversa com ele, nada de uma amizade se formou.

Quando Antônio a apanhava na casa de tia Pingo, dentro do carro, ele era um mutismo só, como se nunca tivesse nada para dizer para a filha, nem mesmo procurava ser simpático. Quando raramente abria a boca, era para inquirir como iam os estudos, em uma pergunta tão rotineira que não tinha nem as palavras mudadas. Como o pai não falava, havia espaço para que Helena destrambelhasse a falar, e falava principalmente sobre tia Pingo e sobre seus filhos, sobre as brincadeiras na tranquila rua de terra onde ficava a casa da professora, próximo ao monumento à Cabanagem, no bairro do Entroncamento. Comentava também sobre a cidade pela qual começava a se apaixonar. E realmente Antônio pouco falava, além de pouco atentar para o que a filha dizia. Helena logo percebeu isto. Ainda tentou conversas sobre outras matérias para ver se era o assunto que desagradava o pai, mas não lhe foi difícil entender a rejeição e o desprezo.



Passou a ficar calada na presença de Antônio, e em casa. A felicidade em Belém passou a vir do Entroncamento.

Os jantares diários, inicialmente preenchidos com a sonora voz de Helena em relato das novidades, foram ficando silentes a ponto de se escutar somente o barulho dos talheres roçando o fundo dos pratos.

Ana não se sentava à mesa, como se Antônio quisesse preservar a filha o mínimo que fosse, naquilo que ele mesmo considerava uma afronta. Hipócrita! Achava que Ana não precisava frequentar sua mesa, mas apenas sua cama.

Helena desistiu das conversas que não passavam de espíritos de monólogos de uma criancinha com um adulto desinteressado. Como Helena tinha um aguçado faro para a rejeição, conformou-se no silêncio de quem não deseja importunar ninguém.

Não obstante o desprezo de Antônio, ela ainda conseguia, nesta época, achar alegria na simples presença dele, coisa que nunca na vida conseguiria explicar. Helena conhecia um pouco mais do jeito do seu pai. Não era ele nem um pouco a pessoa alegre como as tias de Helena costumavam considerá-lo.

Era de todo ranzinza, muito reservado e parecia tolhido de algo, como se faltasse metade do sol no céu de sua vida. Não conversava nunca e jamais, nem mesmo com Ana. Evitava cruzar com os vizinhos, quem sabe, para economizar as cordas vocais com falsas cordialidades. E, onde estariam os muitos amigos que cercaram a juventude de Antônio?

Ele engordara razoavelmente, sinal da idade que avançava associada ao atual desleixo que tinha para com os treinamentos físicos e militares.

À noite, geralmente, Antônio ficava em casa. Já não era de muitas farras. Mas, nem por isto, ele ficava com a filha; largava-a no quarto dela e agarrava-se à televisão, aos telejornais. Via a todos. Quando acabava um, já mudava de canal para acompanhar um outro que começava e que noticiava quase a mesmas coisas que aquele que acabara. Quando não havia mais telejornais para serem vistos, ele passava a escrever em um caderno de capa vermelha. Helena era deixada sozinha, ou melhor, na dispensável companhia de Ana. Assim, esquecida, Helena entregava-se cada vez mais aos estudos e à leitura. As novelas na televisão ela não gostava de ver: drama por drama, o seu já era o suficiente, na orfandade de pais vivos.

Quanto à Belém, a cidade foi uma mudança e tanto para Helena. E boa. Ela começou a experimentar um pouco do doce sabor da felicidade; felicidade com a mãe postiça, com a chuva diária, com o verde da floresta, com as andanças pela cidade, e até com a proximidade do inacessível pai. A única coisa que muito a angustiava era à distância do mar, mais que isto, a ausência dele. Contudo, para este problema, conseguiu um paliativo insólito em um passeio pela Praça da República. Naquele dia havia uma feira hippie e, no meio daquilo tudo que ela considerava inútil e de mau gosto, deparou-se com uma grande concha marinha que viera, segundo o seu vendedor, da Praia de Ajuruteua. Em princípio, o que fez Helena reparar no grande búzio foi sua beleza, todavia, o que se fez decisivo para sua aquisição foi o fato dela por o búzio no ouvido. Ali, a jovem não só escutou o marulho das águas do oceano, como quase chegou a molhar a ponta da orelha na arrebenção das vagas.

O barulho do mar a renovava.

Mar de sentimentos, de enigmas, de simplicidade.

Helena vê a avó deixar a soleira da porta do quarto e dirigir-se para a cômoda onde sabe que há uma caneta. A anciã abre um dos cadernos da neta e, sob as luzes da projeção do oito milímetros, escreve algo. Deixa o cômodo sem nada falar. Helena fica onde está, sentada. Se não fosse o choro que não cessa, estaria impassível, acompanhando a saída da matriarca apenas com o olhar. Sabe que não precisa se levantar para conferir o que lhe escrevera a avó, ainda mais porque o rolo de filme que colocara no projetor acaba. Prefere ficar sentada, rebobinar a película e substituí-la por outra; dar início à nova projeção.

O filme escolhido é um de sua infância. Em três minutos e meio, ele mostra um motivo único: uma criança deitada de bruços no chão, com papel e lápis supostamente coloridos à mão. Descontraída, desenha com a típica despreocupação de uma criança. Fala, enquanto rabisca o papel.

Balança os pés enquanto troca um lápis por outro. Está apenas de calcinha e com as marcantes e inseparáveis botas ortopédicas. Hoje, Helena ainda se lembra deste tipo de calçado que usou durante toda infância. E quando se fala em botas marcantes, deve-se ir além do fato de ter caracterizado a meninice de Helena a ponto de nunca se lembrarem da garota sem que dela se dissociasse as suas botas; ou do fato de terem formatado os seus pés; mas principalmente por ter moldado a maneira de ser de Helena. As botas ortopédicas marcaram-lhe o espírito. Depois delas, e por causa delas, fugiu de tudo que fosse doloroso ou difícil. Refugiou-se na simplicidade e fundamentou sua vida nesta palavra.

Evidentes são as provas de que isto acontece, estão na sua maneira despojada de vestir, no trato com as pessoas próximas, em sua dieta, em seu modo de imaginar as coisas. Para ela, o básico é o suficiente; nada de muito atavio a atrai ou lhe desperta o interesse.

É do partido do menor esforço, todavia, não no sentido pejorativo da indolência. Vai sempre pelo caminho mais rápido, arroteio exclusivamente com a desculpa de passar perto do mar.

Mar de sentimentos, de enigmas, de simplicidade.

\* \* \*

Disseca as imagens da película. É capaz de perceber, nos traços do que fora seu rostinho de criança, as linhas do seu rosto adulto; o mesmo nariz arrebitado; as covinhas das bochechas e o sorriso pouco mudaram até seus dezenove anos. A projeção mostra uma Helena em perfeita miniatura com exceção dos cabelos, que antes eram grandes. Hoje, somente os cabelos estão em miniatura. Quando criança, ela houve de suportar os cabelos compridos, amarrados em trança ou presos em rabo de cavalo como no seriado de televisão *Jenie é um gênio*. Agora, não tinha mais porque tolerar aquilo, o trabalho para lavar e pentear, aguentar o calor no pescoço e nas costas. Melhor o corte rente à nuca. Até que considera cabelos longos mais bonito que os curtos, e até mais próprios para uma mulher, mas Helena prefere a praticidade e a simplicidade à beleza. Estranho, não lhe é raro vir a vontade de ser homem. Sempre achou muito mais fácil ser homem, muito mais simples, sem trato com a pele ou cabelo, sem regras, sem depilação, sem ginecologista, sem fechar as pernas

ao sentar, sem o perigo da gravidez indesejada, sem parir, sem celulite, sem salto alto, sem calças muito justas, sem os sutiãs apertados para proteger os seios dos efeitos da gravidade, sem ir aos pés para toda necessidade. Porém, afora sua vontade de ser homem, não abre mão de sua feminilidade. O mínimo que seja, ela se cuida. Usa *jeans* surrados que lhe moldam o corpo. Passa batom que é a única maquiagem que consegue usar. Chega a passar perfume, de preferência qualquer um que ganhe de presente, pois, claro que seu dinheiro tem os livros como destino certo. Decerto, agradece aos céus ter nascido bonita, agradece aos céus poder comer de tudo sem que engorde.

\* \* \*

Aquela criança da projeção desenha e pinta. Quem fez o filme, possivelmente Luísa, teve o cuidado de focalizar o papel do desenho como se seu registro fosse tão importante quanto o da guria.

O desenho, no filme, tem as cores originais trocadas pelo preto, pelo branco e por tons de cinza.

Apesar de infantil, é feito com esmero e é repleto de informações e significado, onde são figurados uma casa, uma árvore, um sol, uma nuvem. Há também um jardim com uma família; pai, mãe e filha. O pai está com uma roupa militar, possivelmente um fato militar, e beija uma mulher de vestido rodado e de bolinhas, a criança tem a mão dada à mãe. É um desenho de família feliz como no desejo de toda criança.

Aquele desenho; um projeto que ficou somente no papel, fadado ao fracasso. Aquele desenho, bem como outros, ainda existe, subsiste, resiste ao tempo, como um arquivo morto de uma infância ansiada.

Está guardado em uma caixa de madeira que foi olvidada no sótão. Os rabiscos da Helena criança eram de temas diversos, que se estendiam por animais, paisagens, flores, pessoas; o interessante é que todos tinham uma ligação um tanto peculiar: estavam em meio a um céu pintado de vermelho vivo, intenso, que nem os anos de guardado foram capazes de desbotar

Helena, hoje, não sabe responder o porquê de céus pintados de carmim.

Será que aquela era a cor predileta em sua infância? Nela residia algum significado especial? Por que por o vermelho no céu e não em enormes maçãs? Sem dúvida, aquela criança tinha algumas certezas para tanta convicção e persistência em colorir de rubro aquilo que só se vê em azul.

E Helena sente a falta daquela menina. Por que aquela criança não mais existe, com a capacidade de transformar realidades, de negar o óbvio, com suas convicções de sustentar o vermelho no céu?

Ela, sozinha em seu quarto, iluminada somente pelas luzes da projeção que se encerra, soluça. Chora como nunca em sua vida. Não que fosse um planger descontrolado, desesperado, todavia, era o mais lancinante.

Chora pela fraqueza que não pôde conduzir na infância, chora pelas coisas que deixou de fazer na adolescência, chora pela eterna ausência da mãe, chora pela sua solidão, chora pela incapacidade de conduzir-se por seu próprio caminho.

Chora pela incapacidade de conduzir-se.

Catará os cacos de um cristal que ainda nem se quebrou.  
A campainha da porta toca.

E o sonoro *blim-blom* traz Helena novamente à realidade, desperta-a de seu transe, de sua dor. Contrariando a sua verdadeira vontade, suscita a necessidade de reagir, uma vez que não pode ficar esperando que as coisas simplesmente aconteçam.

Agora há um endereço, e há alguém na porta do sobrado que pode ser Vinícius, já desembaraçado das chateações do acidente automobilístico no qual se envolvera.

Desliga o projetor depois de rever a pequena Helena pintar o céu de vermelho. Do quarto, grita para a avó dizendo que ela irá abrir a porta. Antes de descer ao térreo do sobrado, lava o rosto na pia do banheiro.

Ao abrir a porta, Helena tem um franco sorriso que não passa de esperança de receber o primo; contudo, o sorriso se vai ao perceber que não é ele quem tocou a campainha. Na realidade, nem poderia ser ele, já que não é bem-vindo ali, que faz anos que não pisa as tábuas corridas daquele sobrado.

- Mauro?

Ele percebe que o leve riso de Helena se transforma em decepção.

- Por que, é outro namorado que esperas? – Mauro nem disfarçou o grande aborrecimento. Naquelas últimas semanas, Helena estava esquisita, enigmática, distante. Muitas hipóteses para tal comportamento passaram pela cabeça do rapaz, inclusive a da traição.

- Espero por Vinícius, e, que eu saiba, ele não namora meninas. – A resposta não foi nada delicada.

Helena havia esquecido. Aquele dia é uma quarta-feira, dia certo que Mauro aparece para namorarem. Quarta-feira certa para namorar, invariável outubro para tirar férias. Ele entra deixando atrás de si a fragrância da mesmíssima colônia que usava quando eles se conheceram, em uma festa para calouros que ingressavam na vida acadêmica.

Ela, até então, uma garotinha que começava a cursar medicina; ele, um quase homem, um quase engenheiro civil, um quase contratado na melhor construtora de Recife, um quase atleta.

Para Mauro, fora arrebatamento, paixão à primeira vista, daquelas do coração disparar no peito quando se está perto. Ele a cercou durante toda a festa para, nos últimos acordes da banda de forró, dar o bote. Pediu aquela garota em namoro com a certeza improvável, já que a certeza era passional e impulsiva, que somente amaria Helena, e somente pelo resto da vida. Ele a escolhera; ela, não. Aquele namoro era-lhe algo indiferente, apenas achou o sim mais cômodo de ser dito. Já no dia seguinte ao início do namoro, na universidade, Helena se viu foco da inveja de uma grande quantidade de outras garotas. E não era para menos que assim fosse. Mauro era tido como bom partido, não, mais, o melhor bom partido de toda a Universidade Federal de Pernambuco. Bonito, forte, inteligente, alto, simpático, bem-humorado, cortês e rico, extremamente rico.

Helena achava todas estas qualidades extremamente convenientes, menos o dinheiro; mais a inteligência e a educação.

Não o amava, mas gostava sobremaneira dele, de sua companhia. Desde o início do namoro, Helena não lhe dispensou muitos carinhos ou intenso desvelo típicos de quem começa um relacionamento, isto é, ficou aquém das expectativas dele, e por incrível que pareça, este modo de agir de Helena fez com que o namorado se ligasse mais a ela.



Era como se Mauro estivesse em uma eterna busca da plenitude da felicidade, naquilo que Helena ainda lhe poderia dar. Se ele era deveras feliz com o pouco que recebia, imagina-se como seria mais venturoso se dela viesse um pouco mais de atenção, e que a atenção fosse crescendo com o passar do tempo. Helena, sem querer, tinha o namorado na mão. Por mais que ela deixasse os dedos estendidos e a palma aberta, ele não se desligava dela. Anel apertado que não passa pelo nó grosso do dedo. Sinal de carne que marca a pele.

Traço que quer assinalar forçosamente e com força a linha do amor na mão cigana.

\* \* \*

E para felicidade de Mauro, ele deu a sorte de cair nas graças de Antônio Vasconcelos, especialmente quando este soube que o namorado da filha, perto de sua formatura, trancara o curso na universidade para cursar o Instituto Militar de Engenharia, depois de passar em quarto lugar no concorrido exame de admissão de tão nobre instituição de ensino. Antônio só não soube que, depois de dois meses e meio de Rio de Janeiro, o candidato a genro regressou para o Recife. Não se adaptara ao instituto militar.

Claro que propagaram a Antônio a gesta da ida, mas não a derrota do retorno. O oficial, sempre ausente, ficou sem saber do fracasso de Mauro. Quando o jovem voltou para o sol de Pernambuco, reabriu o curso de engenharia civil e retomou sua vida normal. Ninguém nunca soube, nem mesmo Helena, que o que fez o regresso de Mauro foi a gigantesca e insuportável saudade que sentira da namorada e não a simples incompatibilidade com o rigor militar.

- Eu achava que fosse Vinícius – falou novamente para que isto ficasse bem claro. – Marquei um encontro com ele mais cedo e não deu certo. Preciso conversar com meu primo.

Do parente de Helena, Mauro não chega a ter ciúme, pelo menos no que se refere à infidelidade, pois já sabia das preferências de Vinícius. Entretanto, um outro tipo de ciúme corroía-lhe as entranhas, uma espécie de rivalidade. Sempre se sente preterido quando a namorada fala destas conversas com o primo. O que tanto se falavam? Por que ela não escolhia o próprio namorado para confidências e conselhos?

Apesar de contrariado, Mauro procura, a partir daí, mostrar alegria, mormente porque sabe que sua amada está naqueles dias de pouca paciência, um meio caminho para uma briga de onde invariavelmente ele sai derrotado, mesmo que tenha alguma ou toda razão.

Neste dia, como nos outros, na sala de estar, conversam trivialidades, beijam-se, trocam carícias e toques sem consumir nada de mais íntimo, que Helena tem medo de ser flagrada pela avó. Trocam juras de eterno amor; ele por devoção, ela para simplesmente satisfazê-lo simplesmente.

Difícil malhar ferro frio? Os beijos desta noite estão bem mais cálidos que o normal, principalmente porque aquela é uma forma de Helena agradar, mais, preparar o namorado para algo que ele não gostaria que acontecesse, para alquebrar suas resistências. Helena faz isto sempre, e desta forma. Nada consciente, proposital, mas é assim que acontece. Depois de quase sufocá-lo com tantos beijos e carícias, avisa da viagem rápida que fará no dia seguinte para Fortaleza.

- Ótimo! Irei contigo.

- Desta vez não viajarás comigo!

A jovem explicou que, enfim, conseguira o endereço de Luísa, e que ela, Helena, irá a seu encontro. *Depois de tantos anos de separação, como estará minha mãe?* Não, ele não a acompanhará.

Este será um momento apenas delas, dela. No imo, sabe que não mais irá exclusivamente atrás de Luísa, porém, atrás de si mesma, de um rumo, de um prumo.

Resgatar vazios do passado? Recuperar o tempo perdido? Dar e receber carinho e amor? Não, não e não. Catará os cacos de um cristal que ainda nem se quebrou.

Quer que Luísa, sempre ausente, esteja consigo, Helena, para auxiliá-la na decisão capital de sua vida; e que, qualquer que fosse a trilha escolhida, sua mãe lhe dê o mínimo de apoio necessário, escora de alvenaria que precisa ser reformada, ou reconstruída, ou construída, do nada, de nada.

Mauro ainda insiste muito para acompanhá-la. Afirma que não atrapalhará, que não incomodará; respeitará a intimidade do reencontro de mãe e filha. No momento em que estiverem juntas, conversando, ele ficará em algum barzinho da Praia de Iracema, rezando por elas enquanto toma uma cerveja com tira-gosto. Sensível, não?

Depois escutar a proposta de Mauro, sobretudo a da reza com cerveja, Helena, por um átimo, lembra da avó, melhor, da certeza que a matriarca tem de que, para conhecer uma pessoa a fundo, haveria de se comer uma saca de sal com ela.

A jovem não teve tempo ao lado do menino prodígio para que comessem uma saca, contudo, com cinco colheres de sopa, já percebe que Mauro não é aquele deus magnânimo que toda a universidade supõe que ele seja. Qualidades mil, sensibilidade zero.

Até acha que, se ele tivesse um pouco mais deste predicado, seria ela quem estaria na mão dele, e não o contrário.

Sensibilidade para apreendê-la, conhecê-la verdadeiramente; mais ainda, para saber de suas fraquezas, claro que não para explorar suas debilidades ou para se mostrar generoso ao proteger Helena, mas para ensiná-la a se defender sozinha.

Não precisa de muita coisa para conquistá-la, basta somente que se saiba o caminho das pedras.

Depois de muita discussão, de muitos argumentos e contra-argumentos, Helena fecha os ouvidos à matemática das palavras e resolve pelo talho do mero não.

- Quero só que me deixes na rodoviária, amanhã.

- Irás de ônibus? Por que enfrentar o desconforto da estrada e os perigos dos assaltos em doze horas de viagem. Posso te dar as passagens aéreas para ida e volta. – Mauro, além de querer proteger a namorada, tinha a intenção de vê-la em uma viagem mais rápida, com regresso rápido. Simplesmente não suporta a ideia de estar longe de sua amada, pânico trazido pela iminência da distância ou de sua possibilidade. Foi difícil a sua estadia na Urca.

- Pensando bem, é melhor que não me dê carona para a rodoviária. Irei de metrô. – Naquele instante, nasce em Helena a necessidade de caminhar com as próprias pernas. Deve aprender a usá-las para sobreviver, viver ou morrer.

E somente pelo resto da vida

Escuta o estrondo de um trovão. Trovoada de lembranças.

Acompanha Mauro até a porta. De tanto ele ainda insistir em escoltá-la na viagem à Fortaleza, Helena se despede do namorado não com um beijo, mas com um leve e carinhoso empurrão, em um implícito “esta jornada é somente minha”. Antes mesmo que Mauro chegue ao carro, desaba um temporal. Torrencial. O rapaz precisa correr para que não se molhe muito.

O barulho da chuva, no telhado; relâmpagos e trovões; as gárgulas com boca de jacaré lavando as calçadas; o cheiro de chuva é o mesmo cheiro da alegria. *Ah, como chove em Belém!*

Helena, toda vez que se lembra da capital paraense, lembra também do termo felicidade, afinal, foi lá onde ela passou a maioria dos maravilhosos momentos de sua vida. Entretanto, Belém também lhe arremete para outro ponto, baliza significativa com o sinônimo de mudança.

Trocou o Estado, a região, o clima, a rotina, a alimentação, a escola, as companhias, porém, tudo isto foi muito pouco frente às modificações que sofreu no próprio corpo.

Estava deixando de ser criança. A natureza começava a operar com transformações em um vulto inconsistente de menina, desabrochando a lascívia das formas de uma mulher. Só que isto não ocorreu de forma adequada para os anseios de uma adolescente, e hoje Helena chega até a achar graça de como, na época, aconteceu, dos traumas que chegaram a lhe doer na alma.

O corpo dela começou a muda das formas, a medrar, mas isto não sucedeu de maneira harmoniosa. Como uma personagem de desenho animado que passa na televisão, um *Popeye* alimentado com espinafre, ela foi crescendo por etapas.

Primeiro as pernas que se alongaram, deixando-as desproporcionais frente aos braços, depois foi a vez dos braços esticarem para ficarem desconformes com tronco e pescoço, quando tudo conseguiu se equilibrar em tamanho de mulher feita, escasseavam ainda o volume dos peitos. Logo os seios, aquilo que toda adolescente quer ver logo crescidos, o maior símbolo da feminilidade. Na escola, ela sofria ao ver, como mulheres já prontas, todas as colegas de turma e até garotas mais novas; e ela ainda com dois caroços de ameixa sob a blusa. Todavia, uma vez feita mulher, o resultado se mostrou extraordinário. Pode-se dizer que valeu a pena esperar, patinho feio que rebentou em lindo cisne. Sentiu isto no regresso às aulas depois de dois meses e meio de férias. Simplesmente os garotos passaram a lhe ver com outros olhos, a lhe tratar como presa.

Sua beleza era singular, não exatamente estonteante como se vê no cinema, mas daquelas que se define pelo conjunto. Cisne no meio de patinhos. Aí, os traumas da transformação cederam lugar ao orgulho da consciência da beleza, a ponto de hoje rir dos caroços que sobram quando come ameixas. Apesar disto, de sua indiscutível formosura, ainda conservou um último complexo, e guardou-o bem guardado dentro de um par de tênis.

Era adolescente e tinha que estar insatisfeita com algo; e os seus pés viraram o alvo. Pequenos demais, cheios de nós, brotos de joanetes e marcas deixadas pelas botas ortopédicas e, se seus pés ainda não são voltados para dentro, estão no limite disto. Assim, nada de usar sandálias de salto alto como faziam as colegas, preferiu o uso de tênis.

Uma vez com os hormônios ativados, Helena mudou um pouco seus hábitos, como o jeito se vestir, de se portar, e até de falar; a espontaneidade com o que falava as coisas foi substituída pela timidez.

Após os estudos, todo seu tempo livre era, até então, devotado à leitura e, mais recentemente, às brincadeiras na rua de terra; entretanto, havia agora uma agenda para ser escrita. Não era esta agenda apenas um despretenso diário, mas, sobretudo, um confidente. Lá, Helena anotava os seus segredos de garota; colava recortes de retratos de artistas; transcrevia letras de músicas e poemas de amor; grifava sentenças com canetas coloridas; guardava pétalas de rosas e marcas de lábios com batom; descrevia olhares, intenções e receios. Difícil falar do primeiro beijo?

*Curiosidade, fascínio, nervosismo, ansiedade, desejo, paixão, palpitação, tremedeira, coração, transpiração, excitação, loucura, língua, melado, hálito, hortelã, cegueira, estrelinha, cálido, vontade, pureza, meiguice, medo, prazer, indecisão, inexperiência, desajeitada, pateta, segredo, novamente, vejo-te amanhã, quero mais, cala a boca e me beija...*

Começado aquele ano letivo, no colégio e no curso de inglês, inúmeros pretendentes a primeiro namorado apareceram. E dentre todos os que surgiram com ares de conquista, foi André quem levou a melhor. O filho de tia Pingo venceu a concorrência não graças ao arrojo, que lhe faltava como característica da inexperiência, mas pela convivência e intimidade que já tinham. Viam-se pela manhã na escola e juntos passavam as tardes nas ruas de terra do Entroncamento.

O namoro que começou em segredo, com o conhecimento apenas deles dois e de uma agenda, durou nada mais, nada menos que quinze dias, prazo no qual Antônio conseguiu uma transferência do Colégio Nossa Senhora de Nazaré para o Colégio Damas, em Recife.

Até então, não sabia Helena que seu pai, à surdina, lia, via, conhecia as coisas dela, na agenda. Bastou que a apaixonada escrevesse uma só linha com a palavra *namorado* para que Antônio despertasse em ciúmes e cuidados descabidos.

Helena nunca deixou de ter certeza que aquela sua volta repentina para Recife se devia tão somente à descoberta que o pai havia feito a respeito de seu namoro; e, maior que a revolta de ser tirada assim da cidade e das pessoas que gostava, foi a revolta por saber que o pai bisbilhotava sua agenda.

Certo que a jovem nunca chegou a imaginar que Antônio não fazia isto não com a intenção primeira de controlar a vida da filha ou por puro *voyeurismo*, e sim, pela compulsão que tinha por diários.

Mas de que lhe importava a verdadeira intenção dele ao ler a agenda, no fundo, no fundo, o que Antônio fez mesmo foi bitolar, tolher a vida da filha.

\* \* \*

Helena, aos catorze anos, aprendeu uma primeira lição sobre confiança e sobre privacidade, outras demais vieram com o retorno à solidão do sobrado dos Vasconcelos, como o recrudescimento de baluartes para não mais sofrer. Melhor ferir que ser ferida, matar que ser morta. Matar?

Queimou sua agenda para nunca mais escrever outra, além de associar a intimidade de um diário ao danem-se as entranhas dos outros. Aos volumes vermelhos!



*Quem quiser me conhecer que tenha a sensibilidade e a habilidade para me escarafunchar por dentro, pacientemente, com cuidado para não se engodar no que é estorvo, com sagacidade para reconhecer máscaras, com agilidade para se desviar de zagaia e com resignação para tolerar a dor daquelas não desviadas, com sutileza para me conquistar e para me submeter e, sem dúvida, com amor verdadeiro e nobreza de espírito. Amém!*

Oração da descoberta.

17

Helena. Linda flor exposta ao sol abrasante da caatinga.

O sobrado está todo no escuro, e em silêncio.

Helena já terminou de arrumar algumas coisas em uma mochila, poucas mudas de roupa, produtos de higiene pessoal, além de por lá *Um copo de cólera*, livro de capa vermelha; afinal, precisa de algo para ler durante a viagem, só não sabe dizer se aquela é a leitura mais indicada para a ocasião. A chuva ainda cai lá fora, agora mais fraca. Antes de dormir, deve fazer uma derradeira coisa: devolver ao devido lugar, à estante onde teria de estar guardado, o volume do diário do pai que está sobre sua cômoda, misturado no meio de inúmeros livros. Sai do quarto em meio à completa escuridão, pede licença aos fantasmas e entra no quarto do pai. A não ser pela água que despenha das bicas lá fora, o silêncio é absoluto.

Silêncio.

Não quer acordar a avó com o estrondo de sua contravenção. Apanha a chave das portas de vidro onde é ocultada, num desvão na escrivaninha, abre as portas com o cuidado de pegar apenas nas armações de madeira que sustentam as lâminas de vidro.

Não pode deixar nenhum vestígio. Não pode deixar digital alguma que denunciem a profanação daquilo que deveria ser completamente obscuro, cofre da intimidade. Não pode deixar qualquer mácula que delate a falsa transparência de seu insuspeito e frágil caráter de vidro. Helena há muito ganhara a habilidade de caminhar sem ser notada, estar sem ser percebida. Qualquer mancha deixada nas portas de vidro que protegem os diários do pai poderia acusar o delito da transgressão. Escuridão. Silêncio. Ela senta-se no chão de tábua encerada. Integrante de um único corpo, aquela fração do diário é recolocada em seu devido canto, respeitando a ordem cronológica, linha de vida sem linha. Como que não resistindo à tentação, puxa um outro volume do diário, abre-o sobre o colo e passa a mão sobre uma página indefinida.

A escuridão não permite que ela leia o que nela está escrita, entretanto, ler para quê? Helena sabe o que contém aquele pedaço de memória.

\* \* \*

Na época do casamento de Antônio com Luísa, a filmadora não pôde registrar a imensa tristeza do nubente porquanto o equipamento estava na Europa, emprestada a um amigo de Arnaldo que passava férias por lá.

Na época da separação deles, a filmadora também não pôde registrar a gigantesca felicidade de Antônio porque os amigos não deixaram que ele ligasse o equipamento na devassidão de um lupanar. Assim, não há imagem daquilo que o diário relata com detalhes. Antônio reservou o melhor bordel de Recife para uma festa particular oferecida a amigos de armas.

A prodigalidade do evento ainda hoje é lembrada quando, em qualquer lugar, pelo menos dois amigos que participaram do festejo se encontram e, se houver alguém na roda de conversa e recordações que não tivesse participado do inolvidável festejo, este alguém fica inebriado por uma enorme inveja igual àquela que o próprio Baco, no Olimpo, sentiu por não ter sido convidado para o hedônico evento. Uísque, ácido e erva, muitas rameiras jovens e bonitas e uma única regra: ninguém poderia usar o reservado dos quartos para nada.

O interessante é que nunca se lembravam exatamente aquilo que comemoram naquele dia.

O expediente utilizado para bancar tais folias ainda fazia parte da fatia da herança deixada por Arnaldo Vasconcelos a Antônio. A liquidação de muitas fazendas e de incontáveis imóveis urbanos, além do resgate de aplicações financeiras, deixou bem abonados os descendentes do grande Vasconcelos e, de tal forma foi, que seis anos de farras e larguezas não tinham sido suficientes ainda para ruir a quota de Antônio.

Como de costume, ele gastava muito com os amigos, e por isto ganhou o apelido de Sangue Azul, como se nobilíssima fosse sua pessoa. Passava pela cabeça de Antônio que ganhara tal alcunha por parecer e viver como nababo, porém, não era mais que uma deferência consentida por adutores que desejavam estar sempre nas graças de tão desprendido patrocinador.

Ali, no diário, há inclusive um relato, em um capítulo, que diz sobre uma proposta feita por Antônio certa vez. Ele e alguns amigos estavam em uma mesa de um restaurante, e, na hora de pedir a conta, o exibido sugeriu que o garçom esticasse a nota à pessoa que ele imaginasse ser a mais rica. Quem quer que fosse o escolhido do garçom deveria, sozinho, pagar a fatura. A proposta foi aceita e, naquela ocasião, a coincidência recaiu sobre

Antônio. A partir daí, toda vez que a turma de amigos se reunia em um restaurante, a mesma proposta inevitavelmente era feita, e sempre Antônio era o indicado para o pagamento da conta. Deixa estar que, depois da coincidência daquela primeira vez, um qualquer da roda se levantava da mesa com a desculpa de ir ao banheiro, mas que, na verdade, aproveitava o instante para combinar a burla previamente com o garçom que atendia a turma. Na hora do pagamento, o rapaz de gravata borboleta já sabia para quem apontar como mais rico. Antônio só descobriu a fraude meses mais tarde, quando ele acompanhou um outro amigo que ia ao banheiro sem que este percebesse. No momento em que a instrução era dada ao garçom sobre o pagamento, Antônio estava ali para escutar tudo.

Mas pensem que o tolo ficou com raiva do acontecido, não, pelo contrário, achou tudo muito engraçado, parte de uma brincadeira.

Helena fecha aquele volume de capa vermelha e recoloca-o em seu lugar entre os demais volumes.

Quando do regresso de Belém, já tendo como aprendida a lição que o próprio pai ensinara sobre desrespeito à privacidade alheia, a jovem começou uma devassa na vida do pai, no diário dele.

Repulsa, indignação, vergonha, asco, sofrimento, tudo isto foi pouco para explicar o que se passou na alma daquela menina de quatorze anos, em um fluxo intenso para o amadurecimento precoce. O conhecimento de histórias como aquela que relata em que circunstância Antônio comemorou a dispensa de Luísa fez Helena ter desprezo pelo pai.

O combalido afeto que possuía pela figura paterna constantemente ausente esvaiu-se como a tinta da caneta que descreveu tamanho hedonismo. Hoje não sente mais nada de revolta ou dor ou indignação quando sabe das coisas do pai, daquilo que ele foi ou é capaz de fazer; pois, tomada a vacina da decepção, imune Helena está em ver a desditosa trajetória da família narrada em tão sórdidas palavras.

Linda flor exposta ao sol abrasante da caatinga. Murchara para restar apenas os espinhos. Helena secara.

Por vezes, sente-se mal por não amar Mauro, rapaz bom, bem intencionado, com amor verdadeiro e abnegado. Já Helena tem um coração árido, arrasado pela índole do pai, e pela desventura da mãe. Tivera que enrijecer para não sucumbir como Luísa.

Todavia, sempre um vento proveniente do mar – só podia ser do mar -, traz umidade que pode fazer rebentar uma espécie de amor, impossível de ser contido, de ser abortado.

Impossível de ser abortado?

E assim Heloisa desabafou.

“Conheci teu avô no dia do meu noivado. Nunca havia sequer conversado com ele, nem mesmo o tinha visto antes.

Alguém simplesmente falou a ele que eu era a filha mais bonita dentre as cinco moças do velho Juvêncio e, desta maneira, com não mais que a etérea e inconsistente indicação de beleza, Arnaldo me escolheu. De charrete, pareceu lá pela fazenda de meu pai, em Garanhuns. Era um rapaz bem novo, mas que portava a distinção e a arrogância dos poderosos, e não era indevidamente que assim procedia, pois, naquela época, já havia dado início à construção de seu universo. O pai se impressionou deveras com aquela pose de quem tem posse. Porém, não fosse isto, ainda restaria à Arnaldo a afinada cantilena da astúcia. Rapaz educado, de voz aveludada e dono de um fio de prosa paciente que parecia despretensiosa, que não ia dar em lugar algum, mas com a qual, certo e logo, ele arrematava um usufruto, uma graça, uma promessa, um empenho, um dote. Finório. Ele sabia abrir porteiras!

Não por isto, podia ter Arnaldo aparecido a pé, de cabeça baixa e de chapéu de palha na mão que, mesmo assim, teria, com o embuste de palavras, engabelado meu pai para receber a mão de sua filha mais linda e prendada.

Porém, não fosse a manha de Arnaldo, ainda restaria a vontade do pai de querer casar logo as filhas. Ver a dita delas? Não! Desejava era ter cinco bocas a menos para alimentar, ter cinco corpos a menos para vestir, ter cinco gentes a menos para cuidar; tudo para economizar mais alguns cobres, afinal, a vida do pai se resumia a amearhar moedas; ajuntamento de réis escondido em

um baú de madeira, enterrado no meio da mata da fazenda, em um lugar que somente ele sabia qual era. Dizia que fazia isto com o receio de ser roubado pelo cangaço. Viriato, Corisco, Benedito Estrela, Lampião; mas isto era mais uma desculpa, que o medo mesmo era maior de ser roubado pelos seus.

Do nada me surgiu um homem esposo. Fui apalavrada no espaço de tempo de se tomar duas xícaras de café.

Mesmo, eu sonhava com coisa diferente. Tu sabes que, por aquela época, eu não sabia ler, e conhecia as histórias dos romances por leitura em voz alta de Mariinha.

Todo ano eu ia passar férias na vila, na casa do tio Joaquim, irmão de minha mãe. Ele era intendente do povoamento de Garanhuns e sabia da importância do estudo, e correu na tenção de ilustrar os filhos todos. Pois, neste mês de férias, férias escolares dos parentes, eu grudava na prima Mariinha.

Era ela que me convocava para que eu passasse aqueles dias na cidade, que ela gostava bastante de mim. Unha e carne. E era ela quem lia para mim os romances e as poesias. Assim fiquei sabendo do amor, de amantes, de cartas, de cortes, de bailes, de heróis, de príncipes lindos e apaixonados.

Depois deste mês lá na cidade, eu voltava para a fazenda, para a lida da casa grande, para o bordado, para o tacho de fazer doce de mamão com melaço e coco; melhor, para aguardar a passagem dos onze meses que me trariam um novo convite da prima.

Depois deste mês de sonho, voltava para a fazenda, mas eu não deixava de ir sempre à cidade, afinal, o pai levava a gente todo o domingo para assistir a missa na matriz.

Eu voltava para os onze meses na fazenda; não alegre, mas esperançosa, confiante de ver, na missa de domingo ou, após a celebração, no passeio pelo largo da igreja, aparecer meu príncipe.

E apareceu, com o nome de Antônio, e não me pergunte sobre a coincidência com o nome de teu pai. Ele era da família Mota. Alto, de olhos e cabelos negros, sempre bem vestido e preparando-se para ingressar na faculdade de direito no Recife. Após a celebração da missa, o bom era ficar na praça, no largo.

Crianças brincavam na grama ou comiam pipoca, senhores conversavam nos bancos de madeira e os jovens ficavam passeando, aliás, andando em volta da praça. Rapazes giravam em um sentido, e as moças giravam no sentido contrário. Olhares. Quando Antônio aprecia na curva da quina do largo, na ponta da calçada, diminuía a velocidade de meus passos e dos passos da Mariinha companheira; passávamos lentamente um pelo outro, ele olhando apaixonadamente em meus olhos. Depois de nos cruzarmos no caminho, a minha passada alargava, e eu arrastava a prima que não parava de rir um riso cúmplice, o meu passo acelerava para encontrar novamente Antônio do outro lado da praça, quando eu voltava a andar lentamente.

Durante meses, todos os domingo, aconteceu isto. E meu amor por aquele rapaz só crescia, e eu sei que ele me amava também. Porém...Porém, um tacanho desconhecido que andava em uma charrete apareceu-me de porteira adentro, fez-me olvidar os sonhos, roubou-me da minha sina de felicidade, de meu amor.

Daí para frente, apesar da vida de conforto e dos mimos que teu avô era capaz de me dar, os momentos ledos de minha vida viraram raros; claro, eu não aspirava conforto, mas o mito do amor verdadeiro.

Vieram minhas filhas e meu filho a quem chamei de Antônio. Saudade? Amor? Vingança? Perfídia?

E teu avô me poliu. Não queria uma broca ao lado dele em festas ou em outros eventos sociais. Mandou vir pedagoga lá das bandas de Campina Grande para me alfabetizar.



Importou um piano da Alemanha e me fez estudar música anos a fio. Fez-me ler muitos livros clássicos, mas escondeu alguns tomos como *Madame Bovary* e *Dom Casmurro*. Não preciso dizer o porquê. Tentei até aprender francês com a filha de um adido militar gaulês, mas minha língua não destravou e desisti.

Foi-se o viço de minha beleza. Veio a comodidade da abundância da vida ao lado de Arnaldo. Foi-se Antônio para o Recife após seu casamento com Mariinha. Veio a morte de meu pai. Foi-se com ele, para a cova, o segredo do exato lugar onde enterrava o seu baú de dinheiro, o mistério do exato lugar onde sepultava sua pobreza de espírito.

Foi-se, veio, foi-se... Até que veio tua mãe, uma moça que fez o que fez para conseguir casar com o homem que ela amava, usou de todos os subterfúgios para ficar com quem escolhera. Dentro de meu resignado silêncio, ovacionei Luísa porque ela, em parte, redimiu o maior erro de minha vida. Será que eu não deveria ter lutado pelo meu amor como fez tua mãe?

Para tua ciência, fui muito partidária de Luísa e, furtivamente, cutuquei Arnaldo para que ele fizesse justiça à desonra de uma moça. Ver Luísa no altar, buquê de flor de laranjeira na mão, me fez sentir uma vitoriosa, como se aquela noiva realizasse por mim algo que outrora não logrei.

Agora talvez tu me perguntes por que eu só demonstro ódio e desprezo quando se menciona o nome de tua mãe. Por que, se eu lhe tinha tanta estima de consideração e se até interceder por ela eu intercedi? Antes da pergunta, respondo logo: porque hoje eu só tenho ódio e desprezo para dar para ela. Quem mandou que ela fracassasse, perdesse a chance de ser feliz? Ao invés de abandonar-se à dor, de esquecer a luta com pertinácia e paciência pelo homem a quem amava, fugiu, fugiu para o uísque e para a droga. Ela tombou, e foi como se eu caísse com ela.

Agora sabes o porquê de tanto ódio a Luísa...

Agora sabes o porquê que tanto evito falar de tua mãe...

E faça-me um grande favor: caso ela pergunte por mim, diga que eu já morri.

Fui para um jazigo junto com o sonho que ela tinha de ser  
feliz.”

19

Felicidade.

Era uma sexta-feira, quase madrugada de sábado, quando o avião tocou a pista do Aeroporto Internacional de Belém. O coração de Helena se encheu de dita. Depois de dez meses longe da capital paraense, ela retorna. Não para novamente morar ali, mas para somente passar um curto fim-de-semana.

Comemorar seus quinze anos. Debutar juntamente com filhas de outros oficiais.

O pai a aguardava no portão de desembarque doméstico. Ao vê-la, não demonstrou contentamento, não a abraçou ou beijou, nem sequer deu boa noite; apenas perguntou se toda a bagagem que ela trazia era aquela sacola. Quando Helena respondeu que sim, Antônio deu as costas e começou a andar em direção ao carro. A recém-chegada que se atentasse que era para acompanhá-lo, carregando a própria sacola, que o pai não se dignou levá-la para a filha. No carro, no percurso do aeroporto para a casa da vila militar, eles não trocaram uma única palavra.

Ao chegar à casa do pai, ela sentia que já não podia mais dizer que chegava em sua própria casa. Helena entrou e foi percebendo arrumação dos móveis baratos e dos poucos enfeites. Sim, Ana ainda morava naquele lugar, as coisas estavam dispostas à maneira dela.

- Estás com fome? – Por fim, Antônio deu algum sinal de preocupação com a filha, com seu bem estar.

- Estou!

- Sobre o fogão há uma panela com pato no tucupi. É só requentá-lo. Tem arroz pronto na geladeira, requentá-o também. Faz o favor de não incomodar Ana, que ela está prostrada no quarto dela.

Helena foi rapidamente ao aposento que, por dois anos, foi dela; largou ali a sacola e dirigiu-se para a cozinha, esquentar a comida. *Hum! Pato no tucupi! Que delícia! Que falta fez!* Lavou as mãos na pia da cozinha mesmo, com detergente líquido. Ligou o bico de gás sob a panela com o pato, tirou o arroz da geladeira e o pôs com margarina dentro de uma frigideira. Comeu não, fartou-se, lambuzou-se, deliciou-se, refestelou-se. Acabada a comilança, Helena levou os ossos do prato ao lixo.

Pisou no pedal que abre tampa da lixeira. Antes que os ossos de pato caíssem, viu, entre cascas de tangerina, borra de café e latas de cerveja, uma caixa vazia de *Citotec*. Ela conhecia aquele remédio. Uma amiga sua, da turma do Colégio Damas, tinha um problema de estômago e tomava aquela droga para se tratar da enfermidade. A amiga colegial tinha a mesma idade de Helena, catorze para quinze anos; e o médico dela, sabedor da licenciosidade hodierna, não deixou de fazer recomendações sobre os efeitos colaterais daquele remédio. Responsabilidade. Juízo. Cuidado com uma gravidez indesejada. Provoca aborto. Helena entristeceu-se ao ver aquela caixa vazia.

Ana tomara ou fizeram-na tomar a droga? Qualquer que fosse a resposta não aliviaria o pesar que Helena sentia pelo destino de Ana, convalescente; sentiu mais ainda pelo fruto morto.

Uma chuva grossa começou a cair lá fora. Pratos e talheres lavados, sobras de comida na geladeira. Sobras de pessoa no quarto contíguo. Podia agora tomar um banho para se deitar, pena que a água do banho não lave tristeza. Antônio já havia se recolhido.

No dia seguinte, um pouco depois das nove horas da manhã, foi despertada pelo pai.

- Toma teu café para que possamos sair. – E saíram. Ela carregava uma mochila pequena com escova e pasta de dente, uma muda de roupa íntima, além de meias de seda e um par de sandálias de salto. A chuva havia passado, mas as ruas estavam alagadas e enlameadas.

Ele primeiro parou com Helena em uma loja de aluguel de roupas. Largou a filha lá e foi tomar um chope em um bar que existia próximo. Aquele bar, com a presença de alguns clientes resistentes a por fim na sexta-feira, foi a melhor alternativa encontrada por Antônio para esperar que sua filha escolhesse e ajustasse um vestido para a festa de logo mais à noite.

Perguntaram à Helena sobre o evento para qual precisava se vestir.

- Um debut.

Trouxeram-lhe, para que ela visse, três vestidos, todos com ares principescos e que muito lembravam abajures. Helena opôs-se, advertiu que não iria a nenhum baile de antanho ou a qualquer festa à fantasia. Ela queria um vestido jovial, e que carregasse a marca da discrição e da elegância.

Depois que ela conseguiu separar um vestido de seu agrado, negro, sensual, com pouco brilho, ele foi para o ajuste que durou mais de uma hora.

Quando Antônio viu a filha sair da loja, já se contabilizavam sobre a mesa a qual ele se sentara duas travessas vazias de tira-gosto e dez bolachas de papelão, daquelas com propaganda de cerveja. Meia hora mais tarde, ambos estavam sentados em um restaurante no largo da Basílica de Nazaré, para almoçarem. O silêncio entre eles era tão grande que chegava a incomodar.

Helena achou que o pai estava um tanto mais retraído, introspectivo e impenetrável, mais que na última vez que o vira, há quase um ano. E era-lhe difícil decifrar o que se passava com ele, afinal, não o conhecia, não tinham convivência para isto; no máximo, Helena tinha os diários de capas vermelhas que ela começara a escarafunchar, mas, os volumes eram insuficientes; diziam sobre fatos, não sobre pessoas... Poderia ser qualquer coisa: dificuldades no quartel, crise de depressão, problema de saúde, a Ana. Mais difícil ainda imaginar o motivo que o fez chamá-la a Belém, para que debutasse lá. Por que simplesmente não deixá-la em Recife, fazer a festa lá mesmo, comemorar seus quinze anos junto com tios e tias, primas e avó, e com os colegas do colégio? Contudo, Helena não desgostou do procedimento do pai, uma vez que ela voltou à Belém, por dois ralos dias, mais voltou.

Após o almoço, Antônio deixou a filha em um salão de beleza, mas não em um salão qualquer. Naquele lugar ela passaria o resto da tarde e o início da noite, quando ele retornaria para apanhá-la e irem diretamente para a festa. Massagem e relaxamento, banho de banheira, cochilo, maquilagem, penteado, vestir-se. Helena trocava metade disto pela leitura de um bom livro; trocava a outra metade também se não fosse chegar tão desarrumada em seu debut. Por que esquecera de por algum livro junto às coisas da mochila?

Ter Helena que trocar uma comemoração perto dos parentes e dos colegas por uma outra em Belém não foi algo difícil de haver.

Duro foi fazer descer goela a baixo a exigência que o pai lhe fizera: ela não poderia convidar, para a festa, sua querida tia Pingo e família, aí se subentende André. E nem que ela quisesse chamar alguém, não poderia, não tinha senhas de ingresso à festa para que cedesse a um convidado sequer.

Por outro lado, Antônio se regozijava pela ideia de barrar a presença de André na festa. Regozijou-se mais ainda quando foi buscar a filha no salão de beleza. Ela estava estonteante, lindíssima. Helena não era mais uma criança, e Antônio só percebeu isto justamente naquele momento. Paradoxalmente, sucedeu-lhe uma outra cadeia de sentimentos. Longe de experimentar uma ponta de orgulho ao ter uma filha tão deslumbrante, foi atacado pelo rancor e pela mágoa. Como ele se parece com Luísa!

A Assembleia Paraense estava repleta. Fardas de todas as cores e medalhas de todos os modelos se espalhavam pelos salões. Senhoritas, a maioria delas trajando vestidos de abajur, eram apresentadas à sociedade e valsavam com distintos alunos da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante. Fotógrafos do Liberal registravam tudo para a coluna social. Era uma grande festa, onde amigos de farda das três forças se confraternizavam.

Ela ainda carregava os sinais da meninice a pouco largada, e sua timidez e seu recato eram percebidos inclusive no jeito de se portar. Helena chegou acanhada.

Não conhecia ninguém a não ser o próprio pai. Como algo inerente à idade que tinha, surgiram inseguranças; porém, aquela que mais a incomodava não tinha nenhuma relação específica aos seus quinze anos incompletos. Não era acostumada a caminhar com saltos, sentia-se sempre na iminência de cair, e, para complicar, sabia da deselegância de seu caminhar. *Vergonha, vergonha, vergonha!* Porém, com o passar do tempo, foi percebendo os olhares de cobiça dos homens e de inveja das mulheres, a ponto de ficar inebriada sem que tomasse sequer uma taça de champanha.

*Dê-me uma alavanca apoiada, e moverei o mundo.* E foi incrível como a vergonha e a insegurança sumiram repentinamente depois que ela se sentiu desejada.

Assim, Helena foi, aos poucos, se soltando. Para ajudar, caiu nos braços de do Ó. Geraldo do Ó, vestido com um branquíssimo dólma, aspirante a oficial mercante, foi quem completou o par com Helena para a valsa da meia noite, cerimônia simbólica que apresentaria as novas damas à sociedade. Sendo muito brincalhão, Geraldo fez de tudo para divertir Helena, melhor, fez de tudo para agradá-la, melhor, fez de tudo para conquistá-la. E talvez ele até lograsse algum sucesso se, primeiro tivesse mais tempo para isto, dias ou semanas; segundo se ele não fosse alvo de uma concorrência pesada: André Sfair surgira do nada, como por encanto, na frente de Helena.

A jovem, depois de todo protocolo de bailar com seu acompanhante da marinha, com o pai, que se mostrou um verdadeiro pé-de-valsa, perdeu-se na festa, mas não sozinha. Antônio, distraído com os amigos e com muito uísque, nem deu falta da filha.

André encontrava-se na festa. Não fora convidado por Helena que ela não tivera como fazer isto. Todavia, ele dera um jeito de conseguir uma senha de ingresso com uma outra debutante que era sua amiga de infância. Daí, foi só fugir da vista de Antônio. Daí, foi só aproximar-se de Helena. Daí, foi só se esconderem em algum desvão, sala vazia de gerência ou coisa parecida. Daí, foi só viver uma noite. Paixão, desejo, impulso. Ambos conheceram pela primeira vez o amor.

Cinco horas da manhã de sábado para domingo. A banda da festa na Assembléia Paraense já devia ter substituído os acordes de *Glenn Miller* pela folia do carimbó.

Helena, no banheiro feminino do aeroporto, tirou o vestido alugado para colocar uma roupa qualquer. Antônio havia colocado a sacola de viagem da filha no porta-malas do carro enquanto ela estava no salão de beleza. Do clube, foram diretamente para o aeroporto, numa atitude de Antônio que surpreendeu Helena. Sem dúvida, isto devia estar premeditado por ele. Perfume borrifado no vestido para disfarçar algum odor suspeito. Na cabeça dela, a euforia e o êxtase e a excitação dos acontecimentos. Sentia-se como se também tivesse se vingado do pai, xeque-mate no xadrez da privacidade dela, pois ela lanceou com o silêncio do derradeiro passo, com um acontecimento do qual Antônio não saberia jamais, afinal, inexistia uma nova agenda preenchida com segredos. No íntimo, ficou feliz em saber que o pai não conseguira nunca separá-la de André, talvez com a distância, mas nunca na história de suas vidas. Mas, entregara-se a André para atingir o pai? Sim e não.

Dera, no cabide, envolto na capa de proteção, o vestido alugado para que ele o devolvesse à loja na segunda-feira. Dera um beijo no pai para se despedir? Ela não lembra. Adeus Belém. Bem-vindo André. Virara mulher?

Deixara a inocência; abandonara-a. Conteve o ímpeto de revelar tudo, de mostrar que ele, Antônio, havia perdido, de balde a enviara para Recife, de balde a enviava para Recife.

Efêmera marca de sangue na pele. Terna e eterna marca de vida na alma.



É cedo ainda.

Despertando, Helena estranha em ver a avó sentada na beira de sua cama. Não tem a menor ideia de há quanto tempo Heloísa está ali, a observá-la. Incomoda-se com isto. E deitada, envolta nas cobertas, olhos se acostumando com a claridade do dia, escuta aquela enxurrada de palavras. Desabafo? Em uma hora, a avó lhe diz mais sobre Luísa e sobre si mesma que em muitos anos de convívio.

Da mesma forma abrupta que fala aquilo tudo, Heloísa cala-se, levanta-se e sai do cômodo. Helena ainda fica deitada por um tempo, tentando assimilar a torrente. São tantas coisas acontecendo a um só tempo que chega a estremecer de medo; claro que estremece, uma vez que as verdades que perseguiu durante toda a vida estão aparecendo de uma só vez!

Mas não pode ficar deitada esperando sei lá o quê. Ergue-se e segue imediatamente para o banheiro, precisa aliviar-se, fazer a higiene pessoal, tomar um banho. Volta ao quarto, põe roupas confortáveis e frescas, ideais para quem precisa encarar uma viagem de ônibus pela caatinga nordestina. Ao descer as escadas, leva logo a mochila de viagem e deixa-a sobre uma poltrona da sala enquanto toma um rápido, porém, forte café da manhã. Sobe novamente ao banheiro para escovar os dentes.

Despede-se da avó com um abraço; o silêncio entre elas é quebrado pela anciã com uma recomendação de que Helena tome cuidado; a jovem, por sua vez, tranquiliza-a dizendo que em dois dias estaria de volta, trazendo, quem sabe, a solução definitiva para aquilo que muito as aflige. Helena desce novamente à sala de estar, confere dinheiro e identidade no bolso, coloca a mochila às costas e sai.

São sete e quinze da manhã e, em poucos minutos, ela cumpre cinco quarteirões de casas comerciais, casarões decadentes, sujeira jogada nas coxias, pichações, cartazes de políticos pregados nas paredes desde as últimas eleições – quem sabe das penúltimas também –, cachorros de rua, de marquises e de feias bancas de revistas para alcançar a estação central do metrô.

Dali, Helena segue para a estação de final de linha, estação contígua à rodoviária. Às oito e vinte ela está no guichê da empresa que cumpre via para Fortaleza.

O próximo ônibus para a Terra da Luz partirá em quarenta minutos.

Encontrará a luz?

21

Fecha os olhos e pensa no mar.

O expresso vai pela BR-101 e, antes de Igarassu, ele passa pela estrada de acesso à Maria Farinha.

É uma das praias prediletas de Mauro, entretanto, sem dúvida alguma, o litoral de que ele mais gosta é o de Porto de Galinhas. Nada relacionado com a indiscutível beleza do lugar, ou com os passeios de jangada, ou com o banho nas piscinas esquecidas pela maré baixa entre os arrecifes.

O que Mauro mais apreciava em Porto de Galinhas e o que a torna especial para ele é a prática dos esportes subaquáticos.

Mergulho autônomo ou de apneia, caça submarina.

Lá, os pais dele tinham uma casa, casa não, mansão de veraneio.

Desta feita, Helena e Mauro fruía muitos finais de semana e feriados ali. De início, o casal de namorados só ia se fosse acompanhado pelos pais dele, como que em uma vigilância disfarçada, proteção à reputação da filha alheia; contudo, com o correr do tempo, as máscaras desabaram e a falsidade da aparência de um namoro casto sucumbiu.

Mauro e Helena passaram a ter a privacidade de um quarto e não havia mais a necessidade dos pais dele irem a Porto só para manter a vigilância contra relações que, se não acontecessem ali, aconteceriam em outro lugar.

Interessante Helena achava o fato de que a irmã de Mauro não ter os mesmos privilégios. Caso ela fosse a Porto com o namorado em um fim de semana, os pais certamente também iam. Sabe como é? Proteção à reputação da filha deles.

Mauro ainda tinha um irmão pouco mais velho. Marcelo. Publicitário. Morava em São Paulo. Helena só o vira por uma ocasião que o rapaz não tinha bom convívio com a família e pouco aparecia.

\* \* \*

Helena não é uma pessoa feita para a noite, daquelas de passar madrugada dançando em uma boate ou participar de serestas notívagas com colegas em um bar. Ela é do dia. Acorda cedo, aproveitas as horas de luz, desfruta a beleza das paisagens. Paradoxalmente, não gosta do sol, pelo menos não daquele de pino, quente, que queima a pele e o juízo.

Assim, mesmo estando em Porto de Galinhas, muitas vezes deixa que o namorado vá sozinho à praia e ao mar, pois ela não tem a inclinação para encarar um sol em brasa e areia escaldante. Gosta muito da beira-mar, das águas ora verdes ora azuis do oceano; porém, somente naquele horário bem cedo da manhã, sol de bebê, ou no final de tarde, pôr-do-sol.

Nestas condições sim, é um prazer passear de mão dada com o namorado, mergulhar nas águas mornas do mar.

Esporadicamente, besuntava-se toda de protetor solar, cobria a cabeça com um boné ou chapéu de palha, protegia os olhos com uns óculos escuros e vestia uma camisa de malha branca por sobre o biquíni, por sobre a pele branca, e seguia com namorado pela praia escaldante.

Mais esporadicamente ainda, acompanhava Mauro em seus mergulhos com cilindro. Até que Helena apreciava a insólita e bela vista subaquática, mas não se acostumava com o equipamento de mergulho. Grande demais, muito pesado. Ainda por cima, agoniava-se com a respiração em uma atmosfera artificial, sentimento de opressão. Melhor ficar deitada em uma rede de fio cru, na varanda. Gozar a brisa fresca, apreciando um bom livro.

Aí, no final de tarde sim: passeio com os pés descalços pela fria areia da praia, mergulho no mar de águas cálidas, aragem de maresia.

Já para as noites tranquilas, depois de um passeio vespertino pelas areias de Porto de Galinhas, depois de jantarem lagosta feita pela criadagem da mansão, eram reservados os momentos de lascívia.

Estas eram as únicas ocasiões em que Mauro deixava de estar nas mãos de Helena: ele deslizava para sob os pés dela! Antes de Mauro, Helena conhecera somente André, em apenas uma única vez, e sob o signo da inocência de dois amantes nascituros.

Entretanto, não era por causa da inexperiência que se limitava à monotonia ou à mesmice.

Era próprio dela ser ardorosa, curiosa, desbravadora, e isto compensava a sua falta de experiência.

Absoluto êxtase, não havia outra maneira de adjetivar o estado em que Mauro ficava ao ter Helena.

No íntimo, em meio a um pensamento que sabia deveras descabido, ele achava que, se toda pessoa nasce com uma vocação, Helena nascera com aptidão certa para marrã, capaz de enfeitar e saciar qualquer um. Mauro não poderia querer mais, era pleno. Além do que, toda vez que se deitavam, acontecia de modo diferente.

A versatilidade virava o padrão, tornava-se o mesmo truque de tirar coisas de uma cartola mágica, só que as coisas sempre eram distintas. E mais, ajuntando-se ao satisfazer, ela deixava no ar a promessa tácita de algo melhor para a próxima vez, certo como um fato que, sem dúvida, aconteceria. Rotineiro nas ocasiões nas quais eles se deitavam, somente o pedido de casamento feito por Mauro.

Já Helena, que ainda não desejava isto para sua vida, ludibriava o sim da resposta com a necessidade de primeiro se formar; conseguir um emprego; ter sua independência financeira, não depender do dinheiro do futuro marido como depende hoje da mesada do pai. Na verdade, cogitava que, um dia, casaria com Mauro; contudo, não via nisto nada de especial, envolvendo emoção parecida com a emoção de calçar um par de tênis ou de estender roupa lavada no varal. Mauro talvez a satisfizesse como esposo, jamais como homem.

Ela ainda não conhecera o amor.

O novo volume vermelho

Helena sempre teve uma convicção: um perfume bom é aquele que não incomoda. E esta não era a qualidade do perfume que usava aquele rapaz que ocupou a poltrona ao lado dela. Fragrância aborrecida e nauseante.

O rapaz tinha os cabelos longos, no estilo de vocalista de banda de forró. Vestia-se até com uma roupa bonita e harmoniosa; porém, inadequada, quente demais para a viagem que ele estava fazendo. E o que dizer da camisa Lacoste falsificada que usava? Não bastasse isto, era ele metido a conquistador. Mal o ônibus deixou a rodoviária de Recife, o rapaz de tudo fez para se mostrar simpático, prestativo, amigável; e não se deu conta que estava sendo mesmo era inconveniente.

A verborreia com a qual queria impressionar aquela garota, a falácia sobre seus predicados de bom moço e o impróprio discurso sobre a fartura de haveres da família, incomodava tanto quanto o perfume que usava. E, quanto mais Helena mostrava desinteresse no monólogo do rapaz, mais ele falava para tentar acertar na aprovação de um próximo assunto. Mas agora, por volta de duas horas da tarde, com um calor sufocante reinado no interior do ônibus, o rapaz sente-se vencido. Mais pelo calor, menos por Helena.

Ela está no lado do ônibus que pega o sol da tarde, e isso a obriga a cerrar a cortina. A janela tem que ser fechada também porque o mesmo vento que por ela entra para aliviar o calor não deixa a cortina parada no lugar certo. Foi uma escolha difícil, mas prefere o calor da janela fechada ao sol que queima sua pele.

Mas esta terá sido uma escolha difícil mesmo?

Será que todo processo de escolha torna-se-lhe sinônimo de embarço?

A inquietude que tinham os ocupantes do ônibus, no início da viagem, cede lugar ao mal-estar provocado pelo mormaço.

Até aquela turma de adolescentes, formada de estudantes secundaristas que disputarão um campeonato de voleibol em Fortaleza, esmorece. Cascas de laranja, embalagens de biscoito, garrafas vazias de água, um pé de sandália havaiana de alguém que viajava e palitos de picolé tomam o corredor do ônibus. O banheiro do veículo já está digno de interdição, uma vez que, de lá, exala um execrável cheiro de urina; e é um odor tão forte que incomoda inclusive quem senta longe do banheiro.

Lá fora, o tempo parece estar estático. A paisagem que se apresenta a Helena pela brecha da cortina não muda de mirradas e desfolhadas árvores, e tão iguais eram que sugeriam que o ônibus corria em voltas. Não existem nuvens no céu. Não se vê pássaro algum, pousado ou voando. A monotonia somente é quebrada vez ou outra por um algum veículo que passa em sentido contrário. Uma carreta azul; um trator amarelo; um automóvel cinza; um caminhão vermelho. Vermelhas capas dos diários.

\* \* \*

O novo volume vermelho. Em outubro passado, por usufruto de férias, Antônio invariavelmente surgiu em Recife. Como se procurasse, ao longo de sua vida, um aprimoramento contínuo de sua característica rabugem, ele conseguiu estar ainda mais aborrecido, ranheta, ranzinza.

Ano a ano, Antônio se superava na rabugice a ponto de tornar o mês de outubro o pior mês da vida de Helena e da própria Heloísa.

Helena associava a evolução – se que se pode ser chamada assim – do mau-humor do pai à solidão, já que, geralmente a cada dois anos, ele era transferido de uma unidade militar para outra, isto é, mudava de cidade, de região. Assim, como manter os amigos?

Entretanto, o novo volume do diário trazido pelo pai nas últimas férias deu fim à hipótese de Helena acerca da evolução do mau-humor. Bastou que Antônio voltasse ao trabalho em Salvador, cidade onde morava agora, para que a filha violasse seu diário secreto. Ela, procurando sombras de antanho, encontrava inevitavelmente o passado mais recente do pai. E foi exatamente neste derradeiro caderno de capa encarnada que Helena encontrou a verdade que revela muito do comportamento do pai.

Com o passar do tempo, Antônio foi trocando a alegria e a vivacidade de sua juventude pela seriedade e pela ranhetice de sua velhice precoce, e isto na mesma velocidade em que sua virilidade foi diminuindo.

Nos novos cadernos, não havia nada de muito explícito sobre a falta de vigor no corpo dele, mas apenas indícios, sinais, pistas.

Quando o Exército o transferiu, designando-o como novo subcomandante do Colégio Militar de Salvador, Antônio não deixou para trás apenas Ana ou Belém ou os móveis baratos que compra sempre que chega em algum lugar.

Mais do que tudo, ele abandonou ao esquecimento os insucessos com sua amásia. Roleta russa: uma só bala em um tambor que cabe seis. Uma a favor para cinco contra. A largura da felicidade de Antônio tinha estreita relação com o êxito dele com as mulheres, isto desde o auge de seu vigor enquanto jovem.



Agora, aquele que outrora se gabava por ter feito mulher muita donzela moça e que as colecionava em anotações em diários, sofre com a fatalidade de uma prematura perda de vitalidade e os motivos para sorrir foram escasseando.

Helena não sente compaixão pela desventura do destino do pai, acha até que tal sina é bem merecida. Quem já viu alguém guardar entre as pernas o sentido de toda uma vida? Perfeito então que tivesse tal sorte como castigo. Se talvez, no mundo dele, não existisse somente si próprio; se talvez ele tivesse olhado mais para os lados. Talvez agora ainda dominasse a arte de sorrir; quem sabe tivesse até uma filha, ou filhas, e esposa companheira.

Passa um caminhão verde, e ela troca o vermelho dos diários pelo verde da esperança. Daqui a poucas horas chegará ao destino ansiando por anos. Expectativa de resgatar o passado; de reaver sua mãe; de encontrar carinho ou colo? Não! Leva exclusivamente a expectativa de encontrar uma resposta, um único argumento que seja soberano e com o qual possa rebater todos os outros defendidos por Antônio.

Ela se sente novamente nauseada e culpa justamente o perfume de má qualidade do rapaz sentado ao seu lado.

Nem passa pela cabeça dela que isto pode ser um enjôo natural de quem não está acostumada a viajar de ônibus ou, quem sabe, por outro motivo qualquer... Seus pensamentos voam. Como voa a paisagem que vê pela janela.

Paisagem quase morta.

23

Era um mistura de sensações que ela já experimentara.

Toda vez é desta forma. Logo que Helena chega em uma cidade nova, em outra região, a excitação toma-lhe o espírito; junto vem a esperança de que qualquer coisa de extraordinário ocorra. Não sabe porque isto acontece, mas gosta que assim seja, pois são bons fluidos, alguma energia que a impele para o futuro.

Ali a BR-116 é larga, com três mãos de ida e três de volta, sem contar o acostamento. O canteiro central tem carnaubeiras, cajueiros e acácias, além de guardar postes altos com luzes amareladas. O ônibus está chegando em seu destino. À medida que o expresso se aproxima de Fortaleza, que adentra nela, o movimento do trânsito se intensifica.

Ainda são oito horas da noite. A cidade está toda acesa; as ruas fervilham; com a sirene ligada, uma ambulância implora a passagem por entre os automóveis, caminhões e coletivos que se congestionam próximo ao terminal rodoviário.

*“E nem seria a primeira vez que me prestaria aos seus caprichos, pois fui tomada de repente por uma virulenta vertigem de ternura, tão súbita e insuspeitada, que eu mal continha o ímpeto de me abrir inteira e prematura pra receber de volta aquele enorme feto”.*

Helena, com a ajuda da luz auxiliar que fica sobre seu assento, termina de sorver o derradeiro trago do copo de cólera. Durante toda a viagem, veio lendo o livro a conta-gotas, devagar; e a lentidão não tinha por sinônimo a indolência, mas a economia. Ela vinha temendo que o único livro que tinha às mãos terminasse bem no meio da viagem.

Desta feita, consumiu as últimas palavras de cólera quando o expresso brecava no desembarque do Terminal Rodoviário João Tomé. Levanta-se de sua poltrona, guarda o livro de capa vermelha em um bolso lateral da mochila que está no bagageiro sobre os assentos.

É a última pessoa a descer do ônibus expresso, e, lá na porta do veículo, à espera dela, o companheiro de viagem.

- Minha irmã me apanhará na saída da rodoviária. Podemos te dar uma carona. Que tal? – Propôs o rapaz que lhe assediara por um bom trecho da viagem. O perfume que o rapaz usava devia ser de má qualidade mesmo, uma vez que o fixador da fragrância perdera todo seu poder. Desmascarado foi o cheiro azedo de suor exalado pelo rapaz.

- Obrigada, mas meu namorado vem me buscar.

Esta mentira mata a última esperança de conquista que o rapaz ainda carregava.

Na realidade, Helena não tem para onde ir. Pedirá a algum taxista que a leve para qualquer hotel decente, mas não muito caro. No entanto, quando chega em uma das saídas do terminal, antes de tomar um táxi, vê o Hotel Amaruama no outro lado da rua. Parece-lhe ser exatamente aquilo que procura.

O hotel é um tiro certo. Hospeda-se. Já são nove e quinze da noite e só pensa em tomar uma ducha quente e jantar; ou será melhor jantar e tomar uma ducha quente? Decide pela primeira opção.

No quarto do hotel, toma um demorado banho. E é como se ela quisesse lavar com água todo o enfado de quase doze horas sentada em uma poltrona de um ônibus semileito. De mais a mais, quer aproveitar a delícia de um banho quente. Gosta tanto, entretanto, só aproveita deste luxo quando na mansão de Porto de Galinhas ou quando viaja com Mauro e fica em hotéis como este ou melhores. Bem que o sobrado dos Vasconcelos poderia ter pelo menos um chuveiro elétrico!

Após a ducha demorada, coloca a roupa mais feia que trouxera na mochila, não passa batom, nem perfume. Quanto mais sem graça e discreta, melhor, que não deseje ser assediada por hóspede algum. Está faminta. No restaurante do hotel, pede um suco de laranja adoçado e dois sanduíches de peito de frango com queijo e tomate. O primeiro sanduíche ela come sôfrega, para aplacar a fome; já o segundo, come mais calmamente, procurando sentir o gosto do queijo. Por incrível que pareça e como se tivessem sido feitos em lugares distintos, acha que o primeiro sanduíche estava mais saboroso.

Depois de faltar-se, com a tranquilidade de quem não mais é atormentada pela dor da fome, sai do restaurante, atravessa a recepção e vai à calçada onde, a trinta metros da entrada do hotel, há uma banca de jornal e revista. Espera encontrar algum livro que possa comprar, destes de capa dura e papel barato; todavia, dá mais sorte. Na banca também existem livros usados para vender, e lá ela consegue encontrar um Dinah Silveira de Queiroz. Considera que pagou uma ninharia pelo o livro que vale muito mais, e não por causa da qualidade da encadernação, que é excelente, mas pela preciosidade do conteúdo que certamente guarda. Depois de adquirir o livro, quando está preste a sair da banca, lê de relance uma pequena manchete colocada em um canto da primeira página de um jornal.

Estanca para ler a manchete novamente, compra a gazeta e vai quase correndo para o seu quarto no hotel. Descansar da viagem ou dormir? Não! Começar a ler o livro comprado? Também não! Deseja abrir o jornal e ler aquela matéria que tanto a atraía.

Manchete muito discreta para duas páginas inteiras sobre a vida do desembargador Antônio Cândido Mota. Parecia não ser nota paga, mas uma verdadeira homenagem àquele que, amanhã pela manhã, assumiria a presidência do Tribunal de Justiça.

A foto que havia dele chamava a atenção por mostrar distinção e elegância. E existiam outras fotos, como a dele com filhos e filhas, com noras e genros, com netos e com a notável esposa Maria do Socorro Mota. E ainda seguia depoimento dos amigos de toga, elogios de políticos, além de uma extensa biografia que relatava momentos desde a infância na distante Garanhuns, em Pernambuco, passando pela faculdade de direito em Recife, até a chegada definitiva em Fortaleza.

Deslembrada do livro recém comprado, justamente porque leu aquela matéria, Helena perde-se no tempo com os olhos pousados na foto do desembargador, senhor que tinha idade para ser seu avô, que poderia ter sido seu avô.

Depois de muito passear no contraste em branco e preto da fotografia impressa no jornal, ela acorda de seu devaneio. Estica a mão e apanha o telefone na cabeceira da mesa. Primeiro pede uma ligação a cobrar para o número do telefone do quarto de Mauro. Avisa onde e como está, deixa um número caso quisesse ou precisasse ligar. A segunda ligação que faz também é a cobrar. Repetiu para a avó as mesmíssimas coisas que disse para o namorado, somou, porém, uma última informação:

- Encontrei o seu Antônio Mota!

Do outro lado da linha não se escutou mais nada, melhor, quase se dava para escutar as batidas descontroladas de um coração que nunca esqueceu um amor.

A ilusão é feita para os jovens; a desilusão, para os velhos.

24

Sina bovina.

Um programa sobre criação de gado acaba. O canal de televisão sai do ar, deixando no monitor apenas o chuviscado acompanhado de um chiado. Nem adianta mais Helena procurar em outros canais, que todas as outras emissoras também encerraram as atividades do dia, ou da madrugada, melhor dizendo. Será que, na modernidade do fim dos anos oitenta, nenhuma delas pensa em explorar o imenso filão dos insones?

Ela, normalmente, não tem problemas de sono. Habitualmente dorme bem, pesado, tanto que é raro se recordar de algum sonho. Todavia, agora, não consegue pregar os olhos.

Como não há mais televisão para assistir, ela larga as cobertas e levanta-se da cama. Desliga o condicionador de ar porque está se sentindo congelada. Talvez nem estivesse tão frio assim, mas, na verdade, ela não tem o costume de dormir em ambientes refrigerados. Vai à escrivaninha onde colocara o jornal, dá mais uma folheada nele para ver se existe mais alguma coisa que, a fora as resenhas de novela, o horóscopo, os classificados e as notícias policiais, não houvesse sido lido. Nada. Leu inclusive a tábua de maré. O livro de Dinah está por ali também, entretanto, falta a Helena o ânimo para continuar a leitura iniciada. Na verdade, não é nem uma questão de ânimo, e, sim, de coragem.

Assustara-se com o presságio que fizeram para a vida da personagem Margarida; mal nascida e já destinada a um futuro tão desditoso!

Está nua. Ainda pode ser por isto que sente frio. Resolve vestir-se para dar uma volta pelo hotel, quem sabe, ir para a beira da piscina. Apanhou o Raduan Nassar no bolso lateral da mochila e saiu do seu quarto em busca do ar puro da madrugada.

Sente um pouco de receio em caminhar sozinha pelos vazios corredores que dão acesso aos dormitórios dos hóspedes. Sente medo. De um quarto quase vizinho à capela do hotel, escuta os gemidos indiscretos de um casal de amantes.

Quando chega ao pátio interno, à beira da piscina, pode sentir a brisa morna da madrugada. O céu acha-se limpo de nuvens, mas laivado de estrelas. Noite; negra cortina roída por traças, puxada por sobre a janela do dia; estrelas. A lua se vai minguada.

Helena senta-se ou quase se deita em uma cadeira plástica, destas usadas por pessoas que se estendem ao sol em dias de verão. Olhos abertos, ela mira a imensidão do universo; consegue identificar o Cruzeiro do Sul, as Três Marias, o Escorpião e só, que estas são as únicas constelações que conhece. Ela encontra também Marte, brilho avermelhado, vermelhos diários, vermelho Copo de Cólera.

Levara um livro consigo para acompanhá-la dentro da noite e isto se repetirá aonde quer vá, como se repetiu normalmente desde que começou seu apreço por livros. O Copo de Cólera mesmo já havia sido consumido, porém, encontra-se ali por outro motivo: Helena sempre tem um livro consigo, ou a sua volta, ou a seu alcance. É com um amigo presente, a lhe prestar apoio. A companhia de um livro somente é desnecessária quando ela está junto ao mar.

Helena abre o livro na última página. *“E nem seria a primeira vez que me prestaria aos seus caprichos”*.

Frase solta e lida não no contexto da novela de Raduan, no entanto, no contexto da vida dela.

Continuamente se rendera às vontades do pai. Era e é tangida para currais sem horizontes, pisando o estrume que ela mesma produz; tornada um animal mocho para que não ferisse ninguém; talvez boi de piranha; talvez para puxar carro; talvez para rodar moenda de cana; chocalho a balançar no pescoço; marca de ferrete na anca; para engorda não servia, que era de raça franzina e, apesar de ter carnes macias, eram envenenadas; talvez prestasse para exposição em festas rurais ou não, ou em assembléias do Grão-Pará; para cria também não prestava, melhor, era-lhe proibida isto. Melhor que tivesse nascido caracu brabo; desgarrar-se do rebanho; pelo mato, fugir de vaqueiro, perder-se na caatinga; derrubar peão na arena; ter pelo curto, mas o couro grosso; descumprir aboios; quebrar a corda do laço; engrossar o cangote.

E desta forma, perdida em devaneios, é que Helena vê o arrebol se acender.

O movimento de empregados do hotel começa a aumentar. O café da manhã passa a ser servido, e ela acha melhor ir comer logo, alimentar-se, ficar forte para enfrentar o dia que promete ser difícil.

Levanta-se da cadeira de piscina com uma certeza: livrar-se de sua sina bovina...

Mas nunca parar de ruminar a vida.



Mais um dia em treze anos; treze anos em um dia.

Ainda é cedo da manhã, mas a recepção do Amaruama achase muito movimentada. É que os hóspedes que apenas pernoitam e aqueles que entram na cidade pela rodoviária para resolver negócios rápidos fazem o *check-out*. Helena chega ao balcão para entregar a chave de seu quarto a um dos recepcionistas. A turma deste turno já não é a mesma que a recebeu na noite passada.

Ela já ia saindo quando o funcionário do hotel a procura.

- Um momento só, senhorita! – Helena se voltou, e o rapaz, por detrás do balcão, estendeu-lhe um envelope pequeno e branco.

- Há um recado para a senhorita.

A mensagem breve era de Heloísa e avisava que Antônio chegaria em Recife amanhã, no final da manhã. Helena não estranha o fato de a avó ter deixado um recado e não pedir simplesmente que transferissem a ligação para o quarto no qual a neta se hospedara; sabe que a avó não gosta de incomodar ninguém.

O aviso de Heloísa em nada atrapalha os planos de Helena: visitar Luísa durante o dia, voltar ao hotel para encerrar a conta e pegar o expresso noturno de volta para Pernambuco. Se o ônibus não quebrar ou atrasar por outro motivo qualquer, encontrar-se-á em casa antes do pai chegar. Assim, Helena atravessa a avenida para entrar na rodoviária. Compra a passagem de volta para sua terra, reserva a justa poltrona em que viera no dia anterior, reza somente para não ter a mesma companhia de viagem que tivera para chegar em Fortaleza.

No táxi, Helena estica ao motorista um papel com um número na Avenida Santos Dumont, na Aldeota.

Como se não tivesse pressa alguma, o taxista lentamente põe o carro na via, como do mesmo modo segue lentamente guiando. Talvez a modorra do motorista ocorresse por sugestão da friagem do ar condicionado do automóvel.

O trânsito também em nada contribui para que as coisas andem mais rápidas. A via em que trafegam acha-se congestionada, isto devido a uma colisão que aconteceu à frente, há pouco tempo.

Ela pede para que o motorista desligue o condicionador de ar, que prefere respirar o ar da cidade, expor Fortaleza aos sentidos. O dia está claro e quente, mas uma brisa forte e constante alivia quase que totalmente a sensação de calor. O sol que entra pela janela faz-lhe queimar a pele. Nas calçadas, formigam transeuntes; os pontos de ônibus estão repletos daqueles que vão ao trabalho ou à escola; bicicletas dividem espaço no asfalto com os automóveis. A cidade é só alvoroço, comparado inclusive com a inquietude da alma de Helena.

Sentada no confortável e espaçoso banco traseiro do táxi, a jovem é um misto de sentimentos; antagônicos, a maioria deles. Ao mesmo tempo em que quer sair logo daquele engarrafamento, não deseja que o táxi chegue tão cedo no endereço indicado.

Um bem-te-vi, em cima do telhado de uma casa, canta afinado.

Tem curiosidade em saber como será seu encontro com Luísa; por outro lado, teme que este encontro não aconteça segundo o nível de sua expectativa.

O vento sacode uma carnaubeira nascida entre o asfalto e o concreto e que insiste em sobreviver no meio-fio.

Enraivece-se com as falhas da mãe que deixaram uma criança como que órfã, largada às presas de um mundo-cão; e também tem pena de Luísa por ter sido ela engolida pelo mundo-cão.

Do outro lado da rua, em plena luz do dia, um rapazinho cola uns cartazes de anúncio de uma cartomante no muro de um terreno baldio.

Deseja amparar a mãe, todavia, deseja muito mais é ser amparada por ela.

O táxi passa pelo lugar do acidente. Há duas ambulâncias de socorro e, por causa delas, o motorista é redundante na possibilidade de ter havido uma ou mais vítimas.

Sonha em poder dizer à Luísa que a ama, até mesmo para agradá-la; todavia, um encontro desta importância e magnitude não admite dissimulação e falsidade.

Uma placa colocada em um poste metálico informa que agora percorrem as ruas do bairro onde Luísa mora. O coração de Helena começa a bater mais forte.

Pretende ter um encontro tranquilo; no entanto, teme muito cair em prantos.

O motorista do táxi tem dificuldade em mudar de faixa para desviar de um catador de sucata que puxa um carrinho cheio de papelão.

Julga poder deparar-se somente com uma pessoa, de carne e osso; mas Luísa vai além, pois ela é justamente a improvável personificação, em carne e osso, do vazio da vida de uma criança abandonada.

Semáforo verde. O táxi dobra à direita, e Helena pode ver, em um muro, o nome Santos Dumont em letras brancas sobre um fundo azul. Teve vontade de mandar o taxista voltar para o hotel.

Experimenta, juntamente com a emoção de quem está na iminência de encontrar a mãe depois de treze anos de separação, a insignificante comoção que sente alguém quando esbarra em qualquer desconhecido.

O taxista que conduz o veículo é daqueles que contradiz a fama de faladores e novidadeiros que têm os da sua profissão. Salvo o comentário sobre o acidente que viram no início da corrida, somente agora ele abre a boca e para dizer que chegaram ao destino solicitado. Vê o algarismo marcado no taxímetro e o compara com uma tabela para dar o valor da corrida. Antes de ver a passageira descer do carro pela porta traseira, deseja-lhe um bom dia.

Da calçada, ela vê o táxi se afastar. Sem precisar por quanto tempo, fica em pé em frente à residência da mãe, ora olhando para o botão da campainha, ora olhando para o portão de ferro da casa.

\* \* \*

Neste interim, uma vida de angústia e de apartamento passou por sua mente. Helena até aparenta a tranquilidade corriqueira de quem chega depois da simples ida à bodega da esquina, contudo, na verdade, tem o coração quase a saltar pela boca.

Na calçada, ora olhando para o botão da campainha, ora olhando para o portão de ferro da casa, acha-se uma adulta de seis anos de idade.

Tranquilidade somente aparente.

Move-se.

Helena toca a campainha que tem o mesmo *blim-blom* da campainha do sobrado dos Vasconcelos. Aguarda um pouco mais para novamente apertar o botão de chamada.

O portão de ferro abre na justa hora em que o *blim-blom* se repete lá dentro de casa.

Baixo; pele bronzeada; um corpo forte e rijo, embora um pouco recurvado; o coco da cabeça lustrado de tão careca e com uma orla de cabelos brancos que, passando por trás do crânio, liga um ouvido ao outro; olhos negros, vívidos e brilhantes; parecendo chapa, os dentes são manchados, possivelmente por causa do cigarro; rosto sulcado pelo cinzel do tempo; pequenas nódoas de vitiligo nos joelhos e no dorso das mãos; orelhas grandes que lembram parênteses; nariz um pouco adunco, com pelos saindo pelas narinas; um sinal de carne no braço esquerdo; sobrancelhas finas e quase invisíveis; boca larga, beiços carnudos; papada dupla sob o queixo em desacordo com o corpo magro; maçãs do rosto sobressaltadas exclamando a decrepitude das carnes cansadas de viver. Helena, no átimo de uma batida de coração, viu aquele que deveria ser seu avô materno.

Ela treme. Pequena flor de coragem na alçada da tormenta de emoções e hesitações.

- Entra, Helena. - A voz é baixa, porém, segura; sólida, talvez.

Carlos a conhecia? Não e sim! Não, que o passado é como uma fotografia que esmaece com o tempo. Não, porque ele desconhece o andar da neta. Sim, visto que estivera com aquela moça certas três únicas vezes, quando ela ainda era uma criança.

Sim, pois, dela, já escutara o engrolado da palavra vovô. Sim, porque agora simplesmente a chamou pelo nome.

Carlos a esperava? Não e sim. Não, que ninguém o avisara da chegada dela. Não, que não mandara preparar nenhum almoço especial, nem comprara compota alguma. Sim, porque ela nunca deixara de ser aguardada.

Sim, pois, sem que ela soubesse, toda a vida Helena teve um quarto naquela casa, com uma cama de solteira e com alguns objetos e roupas, anos antes, trazidos de sua infância no Recife, e que eram guardados em um armário antigo.

Entra e se posta ao lado do avô para que ele feche o portão de ferro. Carlos começa a caminhar em direção à varanda da casa. Ela o acompanha caminhando não a seu lado, e nem atrás. Olha um pouco mais para o avô agora sem o escrúpulo de quem não é observada. Helena ri silenciosamente da combinação do pijama de listras vermelhas e brancas com meias e sapatos sociais que ele usa. Por um caminho de pedra cariri, atravessam um jardim bem cuidado, não obstante, feio. Vencem dois degraus para desfrutar da sombra do terraço. Ainda bem, que ela não aguentava mais o castigo do sol quente! Entram em casa.

- Queres uma água gelada? Uma limonada?

- Aceito a limonada.

Um minuto só, que pedirei à criada para que prepare uma jarra. – Carlos some por uma cortina de tucum trançado, ajaezada por conchas marinhas.

Helena, se vendo sozinha na sala de estar, dá um longo e lento suspiro tentando aliviar uma parte do nervosismo, expirar o pânico, expiar o pavor. Onde estará Luísa? A recém-chegada escuta um pequeno burburinho vindo das entranhas da casa, possivelmente da cozinha.

Não consegue ficar quieta, parada em um lugar somente, deste modo, anda pelo cômodo, explora-o, perscruta-o atrás de pistas deixadas por Luísa, tenta encontrar qualquer caco de vida. Esquecendo um pouco o movimento da cozinha e as regras de educação, ela estica o ouvido em direção aos quartos almejando escutar Luísa, melhor, seu destino.

A sala de estar é grande, contígua à de jantar. Nela respira-se o ar de antanho. Sofá e poltronas antiquadas; uma cadeira de balanço em madeira e palhinha; uma eletrola que talvez não funcionasse mais; uma cristaleira estreita e alta; um quadro naturalista do *Chico da Silva* na parede contrária onde havia uma réplica da Santa Ceia de *Da Vinci*, bordada; sobre um console, vários porta-retratos. Fotografias! Com quatro passos largos e rápidos, chega para ver, quem sabe, as recordações de um passado que, apesar de seu, não vivera.

Queria ver fotos recentes; fotos da família que também era a sua; ou apenas de Luísa, com uma flor presa no cabelo. Nada disto! Por incrível que pareça, e para espanto dela, ali só existiam fotografias dela mesma, de Helena; esmaecidas todas e todas de quando ainda era uma criança.

Do conjunto de fotos que estavam ali reunidas, a que mais chamou a atenção de Helena foi uma em que ela trazia no colo um coelho pedrês. Helena sorri. Passara toda sua curta vida sem a lembrança daquele bichinho, contudo, agora que via a imagem, recorda-se perfeitamente de ter tido um coelho.

Carlos Arruda surge pela cortina de tucum. Traz uma bandeja com dois copos com gelo e uma jarra com limonada, além de uma travessa com sonhos. Lastima-se por já não ter oferecido assento à neta e faz com que ela se sente em uma das poltronas.

A não ser pelo pedido da limonada, Helena ainda não tinha falado nada, um sequer, nem mesmo dado um cordial *bom dia*,

isto porque estava e está anestesiada pelo nervosismo. E, neste momento que deve falar algo, hesita sobre como tratar aquele senhor que se assenta a sua frente, no sofá. Reflete por um segundo antes de optar pelo tratamento justo e devido.

- Vovô... – Esta palavra, perdida no tempo, acendeu um luzeiro nos olhos do ancião.

- Sim minha neta? – A resposta não ecoou em voz firme como na acolhida junto ao portão de ferro, mas pensa pela emoção.

- Onde está minha mãe?

Onde está meu chão?

27

Tatarana por sobre a pele nua.

Música de uma afinada e versátil banda, muita dança; uísque escocês, vinho do Porto, champanha francês, refrigerante sem caloria e água mineral para os abstinentes do álcool; canapês e salgadinhos fritos na hora; mesa de frios; lagosta natural, filé ao molho de cogumelos, sirigado à delícia, carne de caranguejo; trufas, doces finos, pavês, tortas; um enorme bolo confeitado, epígrafes em glacê de duas iniciais entrelaçadas; fotos, colunista social; flores, arranjos, toalhas bordadas, guardanapos de linho, louça fina, castiçais de prata com velas acessas; abraços apertados e calorosos entre os homens, beijos falsos entre as mulheres.

Mauro chegou a perguntar à namorada porque ela associava aqueles beijos à falsidade.

- Beijos flutuantes, onde não se chega a encostar nem mesmo face com face, quem dirá lábios. Todavia, a falsidade propriamente dita não se encontra aí, vai além.



A desculpa para não se encostar os lábios na face de uma outra mulher é, na teoria, para que não se borre maquilagem de ninguém. Na realidade, as mulheres que assim se cumprimentam desejam manifestar discretamente o desprezo de uma para com a outra.

A resposta de Helena foi tão enfática e categórica que convenceu até mesmo quem estava nas mesas vizinhas e que, por acaso, escutou as palavras dela.

Ela achava-se sentada a uma grande mesa redonda, exatamente igual à inúmeras outras da festa que comemorava o casamento de Manuela, irmã de Mauro. Compartilhava a mesa com alguns primos e amigos próximos da noiva e de seu irmão. O lugar estava agitado, um senta e levanta sem-fim; era como se existisse um revezamento contínuo e sincronizado entre aqueles da mesa com outros da pista de baile. Virava e mexia, uma pessoa diferente sentava-se ao lado de Helena, suada de tanto dançar; ou mesmo ébria pelas inúmeras visitas ao balcão de coquetel. Houve um momento em que duas primas sentaram uma a cada lado de Helena, e começaram a conversar como se não existisse ninguém entre elas. Indiferença? Indelicadeza? Falta de educação? Acreditavam que incluíam uma terceira pessoa na conversa somente porque ela estava presente? Confiavam na discrição de Helena? - Um grande absurdo, tu não achas, casar uma filha apenas porque ela dormiu com o namorado? - Uma das primas exclamou mais que perguntou.

- Pois eu já ouvi um comentário que Manuela está grávida. - Respondeu a outra.

E Helena, no meio das duas, ficou com os botões de seu vestido sem botões. Daí a pouco, viu cada uma das duas primas da noiva tomarem outra taça de champanha e se erguerem em busca da pista de dança, ou do banheiro, onde poderiam falar mais sobre a vida dos outros, sobre coisas mais picantes que a gravidez acidental de uma garota que mal deixou a adolescência. E somente Helena permanecia sentada onde estava.

Cadeira cativa. Perguntaram a ela por que não ia dançar, dar um giro, servir-se do jantar, ver se o namorado não estava com companhia feminina em algum recanto; e ela simplesmente respondia que o par de sandálias que usava estava-lhe causando calos. Mas que nada, na verdade, atacou-lhe novamente o velho problema da vergonha que sentia da sua deselegância ao caminhar de salto alto. Afinal, qual foi a última vez que usou um salto? Foi na festa de seus quinze anos? Não se recordava.

Mauro, vez por outra, aparecia, sentava-se ao lado dela por cinco minutos, para depois deixá-la por qualquer motivo. Ele era puro contentamento e euforia, tudo porque estava em meio à família e amigos, coisa que adorava. Helena sabia disto e perdoava o namorado por largá-la um pouco de lado, assim, deixava-o à vontade para que fruisse a festa. Melhor isto que enfrentar a vergonha de seu andar de pata.

Já depois da meia-noite, surgiu na mesa um tal de Eduardo, que era amigo de infância de Mauro e foi um antigo namorado de Manuela. Rapaz de aparência comum, isto é, nada tinha na fisionomia dele que lhe desse destaque em relação ao resto da humanidade. Nem alto, nem baixo; nem bonito, nem feio; cabelo castanho escuro e encaracolado; marcas no rosto de antigas acnes; barba de um dia, falha; olhos não muito expressivos; gordinho; pele branca de quem não toma sol. Mas diferente de sua fisionomia era singular a sua presença.

Dele emanava algo de distinção, de discrição, de sofisticação e, principalmente, de mistério. Pessoa que se faz notada somente por existir. Em lugar algum precisava balbuciar o verbo chegar em primeira pessoa e, paradoxalmente, vestia a manta do recato. Sentou-se à mesa parecendo mais buscar um refúgio que companhia. Estava desambientado. Apesar de conhecer a maioria que ocupava a mesa, não procurou a acolhida de ninguém.

Também não puxou conversa com quem quer que fosse, e quando era convidado a opinar sobre algum assunto, sempre terminava falando de Chico Buarque, Plínio Marcos, Glauber Rocha, Drummond, Guimarães Rosa, Sebastião Salgado, Rodrigo Pederneiras, Volpi, Paulo Autran. Helena somente havia visto aquele rapaz um par de vezes e dele não conhecia mais que o nome.

Ela, do outro lado da mesa, admirava-se de como uma conversa sobre bola de gude terminava em filosofia, ou como o corriqueiro assunto mulheres se desviava para a escultura grega. Por mais que Eduardo se esforçasse e quisesse se manter no nível raso dos diálogos dos parvos, não conseguia; sem querer, sem se empolgar, sem empáfia, sem se dobrar à vulgaridade, sem desejar convencer, sem maiores pretensões, Eduardo sustentava em riste a coerência de sua personalidade. E, com o passar do tempo, as pessoas desistiam dele, óbvio que faziam isto. Porém, não se esquivavam de Eduardo por se fartarem com o discurso dele, mas por verem as próprias ignorâncias confrontadas, expostas. Nada acontece se se deixar passar a tatarana por sobre a pele nua, contudo, toque-a que sentir-se-á a dor lancinante da queimadura.

E, contrário aos outros da mesa, Helena se agradou das matérias de Eduardo; e logo estavam sentados juntos; e, em meio a muitos, conversaram reservadamente porque ninguém mais desejava mais saber da própria insipiência.

A gota de água que faltava para romper toda uma barragem.

Helena vê a auxiliar de enfermagem substituir o tubo plástico ainda com um pouco de soro por um outro, cheio. A auxiliar se certifica que o gotejamento do líquido está correto, ajeita o lençol que cobre Luísa. Como não sabia o que dizer antes de sair, ela mostra a Helena um sorriso meio sem graça, em uma tentativa de exprimir compadecimento pela sorte de mãe e filha; faz a gentileza de fechar a porta do quarto para deixá-las a sós.

Enfim... Luísa.

Corpo inerte, sedado por drogas que entram pela veia do braço juntamente com o soro, gota-a-gota. Lasca de gente estendida sobre o leito de uma clínica de recuperação de pacientes com dependência química e de álcool. Por um momento, Helena fica exatamente como Luísa, imóvel, sedada unicamente pela presença da mãe.

O estado de inércia é quebrado com passos hesitantes, passos que levam a recém-chegada para a cabeceira do leito, para junto da mãe. Com a mínima ponta dos dedos, ela alinha uma mexa pedrês do cabelo de Luísa; mais, repete um carinho igual a muitos carinhos que já fizera nela, quando, outrossim, era criança.

O silêncio é rompido com o jorro de palavras e de pranto:

- Mãe... Mãe, tu podes me ouvir? – A fala é engrolada, inconstante, turva de emoção. – Vim te ver! – As ideias vêm desordenadas à cabeça de Helena. – Não sei o que falar... Minto: sei o que dizer, mas, por onde iniciar? – Confusão. – Compreendo que estejas inconsciente e, para falar sinceramente, não me importa que te encontres assim; quiçá, aquilo que eu tenha para vomitar independa de teu entendimento; quiçá, aqui vim somente para despejar todo o sofrimento guardado... É isto sim, mas não somente... – A presença de Luísa é a gota de água que faltava para romper toda uma barragem. – Tanta coisa para falar... Talvez seja melhor começar dizendo que padeci bastante com a tua falta; e que precisei muito de ti, de tua presença, de teu amparo; e que sempre ansiei tua volta. Honestidade que, outrora, senti uma raiva intensa de ti, por teres me abandonado, por teres me trocado pela bebida e pelas drogas. Mas não te preocupes, já te perdoei. Sei o quanto sofreste antes de tombar. Aqui cabe uma verdade: apareci para te ver, certo, mas isto não ocorreu por causa de ti, porém, de mim mesma. Desculpa meu egoísmo, ele é um de meus maiores defeitos, não o maior, mas é uma das coisas que tenho que corrigir em mim. No entanto, acredita, uma vez que cheguei em Fortaleza, e na outra que vi meu avô e agora que te vi, confesso que fui tomada por um remorso de não ter te procurado antes, e por ti mesma. – Helena silencia-se um pouco enquanto tenta controlar o já volumoso pranto. Continua. – Mas não te preocupes que não desejo me esparramar pelo tom do sofrimento; não intento explicar a dor de perder uma mãe, não carece, uma vez que já perdeste a tua própria mãe. Fiquei sabendo pelo vovô. E talvez dor maior seja perder uma filha! - Tenho dezenove anos, como bem deves saber; já sou mulher. - Não me acho linda, mas bonita; e devo realmente ter alguma beleza, uma vez que sou bastante assediada pelos homens e, acredite, até por mulheres.

Faço medicina e me destaco no meio acadêmico a ponto de ser conhecida por médicos renomados e que me cortejam, já agora, como assistente, claro que antes devo me formar. Na universidade, carrego a alcunha de *Mulher Maravilha*; nunca descobri se tal apelido tem conotação pejorativa. E sempre foi assim, desde a época de escola, com minha coleção de notas máximas, de medalhas de honra ao mérito e com as contínuas convocações para hastear a bandeira nacional em cerimônia que lá ocorria semanalmente. Todos pensam que vivo para o estudo, fato que é mentira; passo mais tempo lendo romances e poesias que debruçada sobre livros técnicos. Tenho um namorado lindo e educado e dedicado e rico; poderia uma garota desejar pretendente melhor? Hoje tenho alguns bons colegas. Moro em uma cidade que tem um mar belíssimo. – Helena interrompe um pouco para tomar fôlego. – E aí, foi uma boa exposição? Bem parece; contudo, a resposta é não! Assim, escutando o relato de tanta coisa boa, poderias até pensar que me saí bem. Entretanto, não é por aí... Revelei tudo o que é facha-da, socapa, máscara, dissimulação; é deste modo que eu sempre me apresento. Logro! O que há dentro de mim não vai além de receios, medos, vergonha, covardia, debilidade, hesitação. Sinto-me uma fracassada, mais, sou verdadeiramente um fiasco. Difícil de entender, não é? Uma quase médica e de quem se espera muito profissionalmente, reconhecida pela capacidade intelectual, bonita, culta, com um maravilhoso namorado; no entanto, falo de outra coisa, falo dos meus intestinos, daquilo que oculto de qualquer um e que não consigo esconder de mim mesma. Quero ser diferente, ainda mais hoje, preciso ser diferente uma vez que sou uma mulher grávida! É isto mesmo: estou prenhe!

E acredita, a criança que carrego no ventre é marcada com o signo da morte; se eu vim até aqui foi para tentar ressuscitá-la, foi para encontrar um motivo para dar-lhe a vida, foi para conseguir forças para enfrentar meu pai que exige que eu aborte o neto dele!

Neste momento, Luísa, lentamente e com muito esforço, abre os olhos. Apesar dos sedativos que entravam pela veia, escutara tudo aquilo que a filha dissera. Um crucifixo pendia na parede, por sobre a cabeceira do leito. Helena já não está tão nervosa, não obstante continuar incerta de seu futuro.

- Vim atrás de um motivo que me impeça de fazer este aborto, de um argumento que se sobreponha aos muitos de meu pai, de uma razão que convença a mim mesma de levar em frente a minha gravidez...

Luísa não possuía forças para falar muito nem alto, porém, arriscou uma pergunta:

- Teu namorado não apoia tua gravidez?

- Ele ainda não sabe que estou prenhe. Para dificultar, minha gravidez é uma coisa que lhe diz respeito somente porque ela é fruto da traição. Não foi Mauro que me embarrigou, e sim um amigo dele. Eduardo também não sabe de nada. Ele é um escritor que mal consegue se sustentar, quem dirá sustentar um filho. Além do mais, não sei se deseja ter um filho com uma pessoa que só viu poucas ocasiões e que desconhece quase que totalmente, e com quem dormiu uma única vez!

- Filha, eu poderia dizer como agiria se eu fosse tu. – A voz de Luísa é quase inaudível. – Se sim ou se não; mas estaria influenciando em uma decisão de deve ser tua. Claro que é de Eduardo também, e de mais ninguém. Talvez este seja o derradeiro passo que te separa do título de adulta, que te sagrará mulher. Deves assumir tuas ações.

Mais duas lágrimas escorrem pelo rosto de Helena. Não lograria ali o que deseja, o apoio que precisa. Se sim ou se não.

- Mas eu sei onde há algo que pode te ajudar em tua resolução. – Helena ouve as palavras que a mãe mal alcança articular; e conseguiu escutar um mínimo fio de luz alumiar a esperança de tomar a decisão por si só, aquela que não causasse arrependimento futuro.

E a veraz questão era esta: não se arrepender no futuro.

29

A ladeira da Sé.

Helena achou muito íngreme a Ladeira da Sé. Ia subindo pela rua de paralelepípedos e procurando nas paredes das casas coloniais o número que indicara Eduardo. A residência dele, estreita, era já lá em cima, bem próxima à igreja de altar dourado, rico ouro. Como não havia campainha, ela teve que bater palmas. Em pouco tempo, uma das duas folhas da alta porta da frente se mexeu, rangeu.

Eduardo não vestia camisa, usava apenas um calção esportivo de tecido sintético e calçava um colorido par de sandálias de borracha.

- Vieste mesmo! – Eduardo falou tentando inutilmente disfarçar o contentamento.

- Poderia ser Olinda o fim do mundo que eu viria. Afinal, conseguiste acertar com o convite que nem em sonho eu recusaria.

- Pois, entra e faze tua a minha modesta morada.

Depois que ela entrou, saindo do sol, a porta foi fechada com novo rangido. Helena viu o cômodo da frente.



O que deveria ser uma sala de estar encontrava-se vazia, sem móveis; paredes nuas, toscas, sem quadros, porém, caiadas; piso de lajota bem desgastada; janela escancarada como se na cidade não houvesse ladrão. Penetraram por um corredor que ladeava outros cômodos. Margearam um quarto que estava com a porta cerrada e entraram no quarto seguinte, que fora transformado em um escritório. Tinha uma janela aberta para um corredor externo e uma outra porta, espécie de atalho que dava acesso a um terceiro quarto.

Ali no escritório eram guardados os livros de Eduardo.

E ela adentrou o cômodo como quem adentra o paraíso; biblioteca diferente, livros empilhados uns sobre os outros, sugerindo prateleiras verticais. Primeiro ela fechou os olhos e respirou fundo, procurando sentir o cheiro dos livros misturado com o inseparável odor de mofo. Abriu os olhos e viu uma mesa de trabalho repleta de papéis, uma máquina de escrever Olivetti. A mesa também tinha espaço para um grosso dicionário Aurélio pousado em um suporte usado normalmente para a Bíblia; era sua avó ver este sacrilégio e se benzer cem vezes. Andando pela sala, Helena começou a reconhecer grande parte das obras, várias delas irmãs gêmeas daquelas que tinha na biblioteca dos Vasconcelos. No entanto, havia algo mais. *Em busca do tempo perdido, de Proust*, estava todo ali; nunca Helena tivera dinheiro para comprar aqueles volumes. Existia também uma edição portuguesa das *Mil e uma Noites*, edição completa, sem mutilações inescrupulosas. Uma primeira tiragem de *Capitães de Areia* com uma sublime dedicatória do autor, talvez comprada em algum sebo. E havia muito mais...

Começaram a folhear as publicações. Ele mostrava algumas passagens e extratos dos livros da preferência dele, e ela retribuía lendo trechos de outros que a marcara.

Entre uma leitura e outra, diziam-se de si. Ela, deitada no chão, um livro sob a cabeça à forma de travesseiro, descalça, com o botão da calça aberto – até então por conforto –, conheceu um pouco da trajetória de Eduardo: caçula de uma família grande, ele era órfão de um pai que tivera alguns recursos e posses. Depois do inventário e da partilha da herança entre a viúva, ele e os irmãos, coube a Eduardo algum dinheiro e aquela casa em Olinda; aliás, renunciando aos apartamentos de Boa Viagem e sobrados da Casa Forte, ele meio que quis a casa que fora de seu bisavô. Com o pouco dinheiro que recebera da deixa, recuperara a casa como deu.

E ali morava.

Ele tinha vinte e cinco anos, todavia, sugeria ter mais idade. Em aparência física não, mas no modo de pensar e de ser. Em seus primeiros vestibulares prestados, concomitantes, em duas universidades distintas, passou para engenharia civil e para ciência da computação. Não se matriculou em nenhum dos dois promissores e concorridos cursos para, no semestre seguinte, prestar vestibular para história. Já então, estava ele fazendo o doutorado, bolsista. A bolsa de estudo mal dava para os livros de capacitação e para as passagens de ônibus para a universidade. Arranjava-se mesmo era digitando trabalhos estudantis ou fazendo revisões ortográficas em textos acadêmicos e originais de livros ou traduzindo alguma coisa do francês; jamais e nunca vendendo poemas.

Helena admirou-se em descobrir um Eduardo poeta.

- Pois, far-me-á um favor em trocar nossa leitura. Quero escutar agora o que é teu.

Ele, que estava sentado no chão, ergueu-se e ajudou Helena a se levantar. Caminhou até a mesa de trabalho; remexeu em gavetas, em pilhas de escritos e em uma estante cinza de ferro.

- Aqui não há mais nenhum exemplar de meu livro – disse enquanto se voltava para o corredor da casa.

Helena o acompanhou. Caminharam mais para o interior da residência, passaram pelo único banheiro do lugar, por um pequeno átrio e chegaram à grande cozinha. Na despensa, quase para expulsar três latas de salsicha ao molho, uma de feijoada e meio pacote de arroz, centenas de exemplares do mesmo livro de poesia se amontoavam. Encalhe! Encalhe da publicação que foi bancada pelo pai, enquanto vivo. Eduardo apanhou um volume e, sem pedir licença, tirou a caneta que Helena carregava presa na blusa, guardada entre os seios.

Rapidamente, ele fez uma dedicatória para ela; não somente dedicou, mas escreveu, de supetão, uma nova e singela poesia de amor.

\* \* \*

Porque eu amo!

Vem-me lágrimas aos Olhos  
e a Razão pergunta por que eles sofrem  
se os olhos da pessoa amada não os encontram  
Eles calam.

Vem-me sonhos à Mente  
e a Razão pergunta por que ela se ilude  
se a realidade da pessoa amada está tão distante  
Ela cala.

Vem-me o vigor ao Corpo  
e a Razão pergunta por que ele se excita  
se ele considera o corpo da pessoa amada imaculado  
Ele cala.

Vem- me a canção à Boca  
e a Razão pergunta por que ela canta o amor  
se a pessoa amada está tão distante e não a escuta  
Ela cala.

Vem-me o rubor à Face  
e a Razão pergunta por que ela se envergonha  
se o sentimento pela pessoa amada é tido como puro  
Ela cala.

Vem-me rápida a batida do Coração  
e a Razão pergunta por que ele se acelera  
se a pessoa amada lhe traz tranqüilidade  
Só que este desabafa por ele e por todos:

“Os Olhos choram porque eu amo  
a Mente sonha porque eu amo  
o Corpo se excita porque eu amo  
a Boca canta porque eu amo  
a Face se envergonha porque eu amo  
eu bato porque eu amo  
e se tudo isso não acontecesse, eu me arrebentaria  
Por fim, o Coração perguntou à Razão  
por que ela não raciocina a conquista da pessoa amada  
A Razão, constrangida, calou-se.”

Poema de amor; idílio; a caneta foi devolvida ao decote, roçando levemente um dos seios; um homem inteligente e sensível, poeta; um homem sem camisa; um ambiente reservado. Helena não resistiu: beijou a boca de Eduardo.

Gostou do beijo dele, era diferente; era um beijo cálido e calmo, de quem não tem pressa para saber o que vem depois, de quem aproveita ao máximo o momento.

No quarto dele, Helena deixou-se beijar mais. Tomou a iniciativa de, com seu corpo, envolver Eduardo. Helena entregou-se.

No final da tarde, ela desce a Ladeira da Sé. Carrega consigo o livro de poemas que ganhara e a certeza de que, depois de trair o namorado, fora finalmente batizada no sangue de Antônio, seu pai.

Batismo de honra, ou da falta dela.

30

Entra em casa.

Ouve um barulho na cozinha e supõe, meio que prevê, que a avó está lá, preparando, juntamente com Gertrudes, algum almoço especial para a iminente chegada de Antônio.

Acerta pela metade: quando vem à cozinha, somente vê a criada.

- Tudo bom Gertrudes?
- Olá, meu bem! Que bom que *tu chegou* de viagem!
- Onde está vovó?

- Ela saiu *p'ra* comprar coentro e cebolinha. *Tamo* preparando um sarapatel *p'r'o* teu pai que está chegando. Ele acabou de ligar do aeroporto, e o táxi com ele já que encosta aí na porta!

Helena sente o sangue fugir da face, a palma das mãos gelar, o coração palpar. Parece-lhe mole o chão, instável.

Antônio para chegar, e ela não conseguiu se decidir; não definiu que caminho trilhar; não sabe se deve ou não abortar. Queria um único argumento que conseguisse convencer o pai que a gravidez era possível; contudo, nem ela própria se convenceu ainda disto. Queria um só tiro de canhão para aniquilar a metralhadora de contra-argumentos. Por que não falara antes com Mauro? Por que não dividira a gestação com Eduardo, afinal, também ele não está grávido? Eles teriam lhe dado algum apoio?

Mas agora é tarde; somente tem a si mesma!

Por um instante, a lucidez cintila dentro do desespero. Helena se lembra das poucas palavras de Luísa, da carta que pode ajudá-la neste momento de confusão. Ela larga a mochila no chão ladrilhado da cozinha e corre para as escadas. Sobe ao quarto do pai.

Olha a estante onde está trancado o diário; o vermelho como o vermelho do céu. A estante é antiga, como tudo naquela casa, tem porta de vidro armado em madeira que deixa aparecer, arrumados em três prateleiras, os volumes de uma só vida. Uma lombada para cada ano. Junto com os tomos vermelhos preenchidos com letras miúdas, existem ainda alguns outros em branco. A cada ano, um caderno preenchido é adicionado à estante e um em branco é subtraído.

A chave da porta da estante está escondida em um desvão da escrivaninha que o pai também tem no quarto. Uma chave junta com outras, que abrem o guarda-roupa de Antônio e que abrem um armário com as relíquias e lembranças do exército.

Há ali fardamentos novos e antigos, condecorações, fotos, boas, espadim e espada, medalhas, brevês e armas de fogo com munição viva.

Helena não remexia nas coisas do guarda-roupa do pai porque coisa nenhuma existia ali que a interessasse, já havia examinado. O mesmo acontecia com o armário de pertences militares, não só porque naquele lugar nada existia que a atraísse, pelo contrário, morria de medo de armas de fogo; porém, agora é diferente. Há algo ali que agora lhe importa. Luísa disse que, dentro do armário, sob o fundo da gaveta mais rente ao piso, encontrava-se, quem sabe, a luz de uma determinação.

Um fio de suor escorre em cada têmpora.

Tomada de um grande temor, ela puxa a gaveta repleta de armamento, tira-a completamente do armário. Com certo esforço, vence o peso para virá-la. Armas e munição vão ao chão.

Descola a fita adesiva que prende um envelope antigo à madeira do fundo da gaveta. Ali está a carta que Antônio enviou para Luísa em resposta àquelas inúmeras remetidas por ela, quando do aviso da gestação. Com as mãos tremidas, Helena tira a carta do envelope amarelado e com cantos roídos por traças. Ela ouve a porta da frente bater. Sente na boca o gosto de fel. O sangue parece não querer mais correr, como se ele tivesse engrossado nas veias.

- Helena! – Antônio chega e faz sua voz ecoar pelo sobrado. Mal põe os pés em casa e já busca a filha. Não procura a mãe dele; não respira a atmosfera do lar; nem descansa o corpo da viagem.

Quer logo é solver a limpa de seu nome aviltado, escutar da boca de Helena que ela fará o que ele resolveu.

As palavras na folha amarelada de caderno colegial se embaralham, dançam sob sua vista. Lê, mas não entende; não consegue se concentrar no que lê. As ideias se embaralham. A cabeça gira. Sua confusão se agiganta e se confunde com o desespero. Indecisão; Luísa; sofrimento; solidão; perfídia; gravidez; futuro; Antônio; pressão; ressentimento; diário; alcoolismo; drogas; ausência; aborto.

- Seu Antônio, a menina está lá em cima – avisa Gertrudes.

Não consegue entender nada daquilo que diz a carta, nada do que dizem as palavras de letra pequena do pai. Contudo, perto da subscrição final da curta missiva, Helena vê a sentença capital: aborte! A carta não passava de um rogo pelo aborto da criança que Luísa esperava. Ele pedira, então, que Luísa suspendesse a gravidez. Não fosse a resolução e a firmeza de Luísa, Helena não existiria.

E a consciência de tudo isto foi tomando forma dentro de Helena.

Antônio aparece na porta do quarto dele, manchas de suor marcam a camisa sob as axilas. E dali vê a filha, no chão, rosto lavado em lágrimas, com um papel na mão. Tão possesso está da ideia fixa de ouvir da filha que ela concordaria em ir, naquele exato momento, a uma clínica de um médico discreto, que nem se atinou que Helena violava as coisas dele. Em outra ocasião, aquilo seria coisa para muita censura, ou coisa pior.

- Irás abortar? – Ele impôs mais que questionou.

Em um primeiro instante, Helena não conseguiu dizer nada.

- Irás abortar? – Antônio repetiu a pergunta em um tom mais alto.

- Irei! – Quase inaudível, ela respondeu.

- Irás abortar? – O berro foi à plena garganta.

- Irei!



Ele abre um enorme sorriso de satisfação.

Já Helena...

Ela não tem mais choro para chorar. E consegue, em fim, tomar uma decisão por si. Apanha uma das pistolas que está no chão, aponta-a para Antônio e descarrega certos dezesseis tiro nele.

Helena, por fim, murmura para o corpo inerte do pai:

- Eu te aborto!

31

O sangue corre pelo piso bicolor de tábuas corridas.

O sangue não é azul como o sangue dos príncipes;  
entretanto,vermelho como o vermelho do céu...

**Jayson Viana Aguiar** nasceu em Fortaleza, contudo, navios de papel o tornaram cidadão do mundo. Viajou por todo o Brasil e pelo exterior. Materializa sonhos em letras a exemplo de “A Fábula de Asas”, romance publicado pela Imago Editora. A Editora Corsário traz um novo singrar de letras com a publicação seu segundo romance.

Livros publicados pela **Editora Corsário**

[www.corsario.art.br](http://www.corsario.art.br)

**Tris** - Ylo Barroso

**P(F)onte de Desejos** - Ana Cristina de Moraes

**An** - Uirá dos Reis

**Fábrica de Asas** - Katiusha de Moraes

**Ilha de Virtudes** - Onofre Alves

**Um jardim chamado Noia** - Deribaldo Santos

**Carinhanha: entre rosas e veredas**

Léo Macklelene G.C, Simone R. Passos, Fabiano Costa Vale, Ana Daniela Neves,  
Daniele dos S.Rosa

**Mitologias Poéticas** - Mardônio França

**Sorrisos de Vida** - Onofre Alves

**o livro dos epigramas & outros poemas** - Cláudio Portella

este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em bookman old style 10  
cartão supremo 250g / polem 80g  
nas oficinas da Expressão Gráfica  
para a Editora Corsário em Julho  
de 2011.